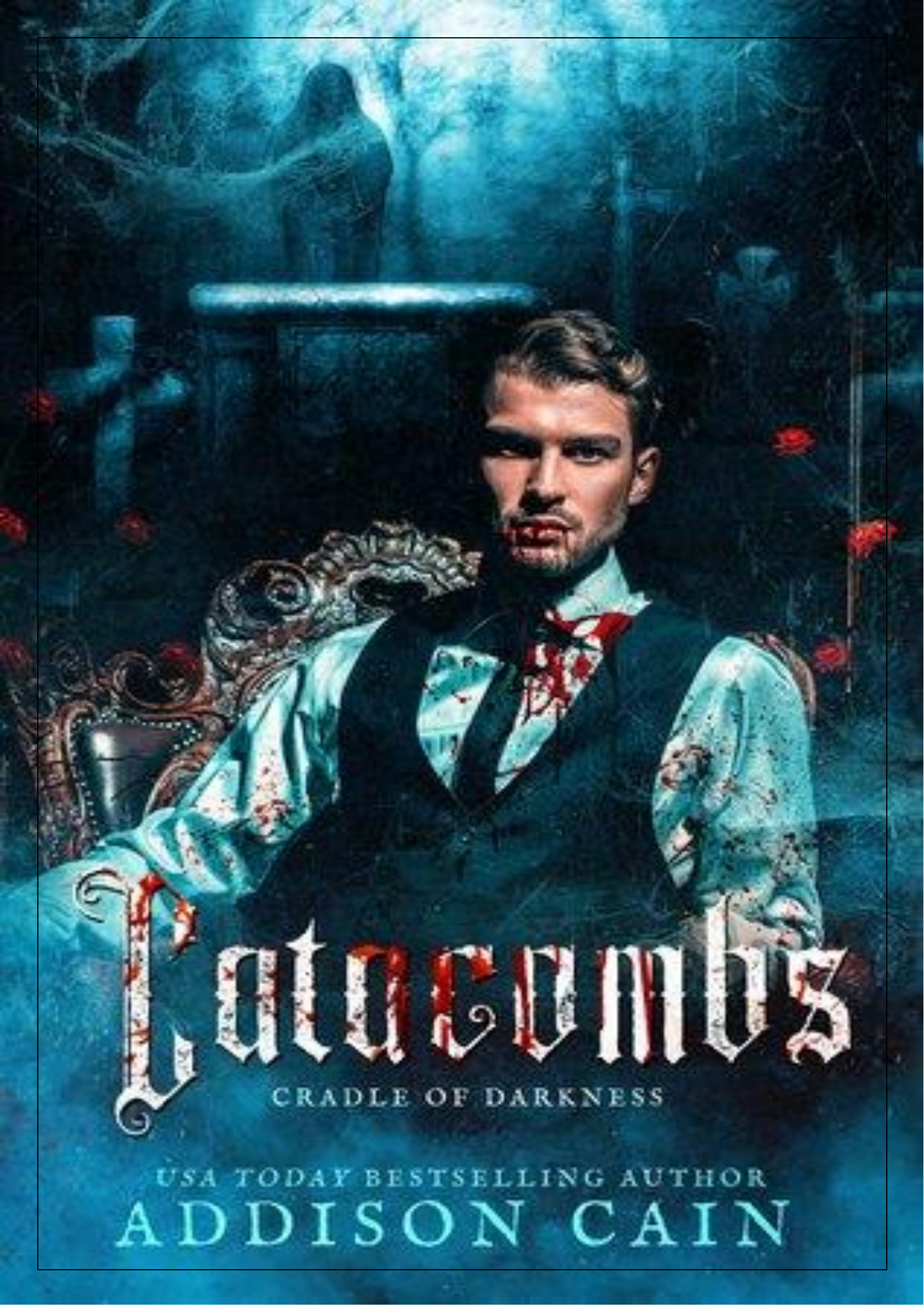




Latacombs

CRADLE OF DARKNESS

USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
ADDISON CAIN



PORTAL E-BOOK'S EXCLUSIVES



SÉRIE CRADLE OF DARKNESS

Equipe PEE:

TRADUÇÃO: Danny Bones

REVISÃO INICIAL: Alê

REVISÃO FINAL: Bee Queen

LEITURA FINAL: Akemi

FORMATAÇÃO: Perséfone

SINOPSE



**Toda noite ele destrói sua inocência.
Toda manhã, ela acorda de novo, com a
memória limpa e pura o suficiente para
ser contaminada, torcida e adorada pelos
prazeres doentios do diabo.**

**“Não há Deus para você além de
mim. Não há céu esperando por você. Eu
posso sua alma e seu corpo. Eu posso
sua mente. Eu sou sua vida e sua única
razão de existência.”**

Este livro destina-se apenas a adultos e contém cenas com total troca de energia, o que pode deixar alguns leitores desconfortáveis. Este é um conto de horror.

Capítulo Um

Toda a cidade de Nova York fedia.

Boulevards, vaga devido ao mau tempo, com crosta de lama e lixo. Mas eram os vivos amontoados em casas apertadas, bebendo café pelos rádios, roncando em suas camas, que doíam as narinas de Pearl.

Ela podia ouvi-los, seus arranhões e respirações. Pior, ela podia sentir o cheiro deles.

Cada um fedia com perfume barato e falta de roupa.

Com a gola de pele desgrenhada presa para cobrir as orelhas frias e o chapéu cloche fazendo pouco para manter a neve no rosto, ela mantinha os braços apertados em volta de seu corpo e seguia lentamente pelas ruas da noite. Sob o casaco puído, um vestido com franjas muito curto para a decência comum, não fazia nada para impedir o frio do inverno. Cada brisa na bainha dela fazia seus dentes bater, rajadas mais fortes ganhando um chiado.

Mesmo com o cheiro, não importava o frio gelado, ela não estava reclamando.

Até agora, a vida na cidade grande era grandiosa.

Ela teve uma noite movimentada no clube de jantar cheio de fumaça, *Palácio Delight*. Seu pescoço podia estar dolorido por suportar o peso da alça da caixa de cigarro, mas

ela ganhou dois dólares. Adicionado ao dinheiro que ganhou na noite anterior, e na noite retrasada, Pearl estava preparada para ter um pequeno extra para o Ano Novo.

Talvez ela conseguisse um vestido novo ou uma lâmpada bonita para enfeitar seu apartamento. Melhor ainda, algumas cortinas de renda para a única janela do quarto - algo bonito que emolduraria a vista da rua abaixo, mas manteria o sol brilhante em seu corpo quando ela dormisse embaixo dele.

Ela nunca teve um lugar tão bom para dormir. As paredes estavam forradas de fitas florais desbotadas, os pisos de linóleo mostravam o desgaste dos inquilinos anteriores, mas a residência de um cômodo era toda dela. Se ela tivesse sorte e fosse mantida até a noite, levaria muitos anos até que os vizinhos notassem que ela morava lá. Ela poderia continuar a apreciar sua visão da rua movimentada, permanecer protegida, enquanto décadas se arrastassem.

A vida na cidade pequena tinha sido muito mais complicada. Todos faziam perguntas, todos assistiam. As grandes cidades, não importando o quanto os habitantes dentro de suas fronteiras cheirassem mal, eram um benefício.

Se ela jogasse suas cartas corretamente, ninguém saberia que... havia algo profundamente errado com ela.

Tudo o que Pearl precisava fazer era ficar longe de problemas.

— Hey, garota.

Ela o ouvira, mas sabia que era melhor não levantar o queixo para um estranho na rua, no dia ou na meia-noite.

The Roaring Twenties oferecia muito para uma garota... mas não mudou o comportamento dos homens. Eles eram tão problemáticos quanto já tinham sido.

Este, com seu elegante casaco e as pontas das asas polidas, não tinha lugar vagando pela vizinhança da classe trabalhadora às três da manhã. Este, encolhido sob o toldo da farmácia, não cheirava a uísque pirata; ele não balançou de muita bebida. Ele não tinha vindo de um dos speakeasies¹ e acabou de se perder. Mesmo do outro lado da rua, Pearl podia sentir o cheiro de que não havia perfume persistente de mulheres contando a história de um namoro noturno com uma amante para explicar seu passeio à meia-noite em mau tempo.

Arrogante pela metade, ele estava à espreita com um propósito e pela batida crescente de seu coração, ele encontrou: presa.

As mulheres pobres eram alvos fáceis.

Mais dois quarteirões e ela teria uma porta trancada entre ela e todos os outros em Manhattan. Mais dois blocos e não haveria nada para se preocupar.

O pretenso Casanova empurrou o prédio, atravessando a rua lamacenta em linha reta para ela. — Não é um pouco tarde para um passeio?

Pearl virou à esquerda, esperando que ele fosse mais sábio do que seguir.

Ele não era.

¹ Speakeasies: também chamado de porco cego ou tigre cego, é um estabelecimento ilícito que vende bebidas alcoólicas. Tais estabelecimentos ganharam destaque nos Estados Unidos durante a era da Proibição (1920-1933, mais em alguns estados). Durante esse tempo, a venda, fabricação e transporte (bootlegging) de bebidas alcoólicas era ilegal em todos os Estados Unidos.

Ela roubou um olhar de soslaio para o rosto dele, mas não reconheceu o homem. Não era seu hábito catalogar cada patrono que ela servira. Afinal, eles viam e iam noite após noite. Inferno, ela raramente falava mais do que uma palavra durante seus turnos, a menos que precisasse. - *Cigarro?* Um rápido aceno de cabeça e uma troca de fundos e Pearl escorregaria para a mesa ao lado. — *Cigarro?*

Seu trabalho não era para ser memorável. Era para ser bonito ao fazer a mudança correta. Isso era porque eles pagavam a ela.

Pearl podia pagar seu pequeno quarto no quinto andar do Madison Building. Ela não tinha que fazer conversa fiada ou flertar. Além do ocasional tapinha nas costas, os clientes a deixavam em paz. Ninguém realmente queria falar com uma garota de cigarro. Ela fazia parte do cenário - um ornamento que tornava os clubes de jantar subterrâneos como o Palace Delight chique. Eram os patronos femininos que mereciam toda a atenção. O cabelo de Pearl não era uma garrafa loira cintilante como a delas, não era acenada com os dedos e enfeitada com penas. O rosto dela era fino e escuro e pesado na testa, tenso e simples.

Os homens não a seguiam para casa...

Mas, novamente, parecia que este estava esperando por ela.

— Estou falando com você! — O estranho agarrou seu cotovelo, puxando Pearl de volta com tanta força que seu calcanhar bateu no gelo. O estranho bateu de volta... e tudo deu errado.

Tudo sempre dava errado.

Capítulo Dois

Frenética, Pearl esfregou as mãos sob a torneira. Ela não conseguia tirar o sangue rápido o suficiente. A água gelada espirrou, as mãos tremendo com tanta força que pequenas gotas de água rosa salpicaram a pia rachada, deixando uma bagunça macabra na porcelana.

— Você fez desta vez. — Harshly sussurrou auto-castigo gaguejando batendo dentes. — Você deveria ter apenas deixado ele se divertir.

Ácido bateu na parte de trás de sua garganta. Um pensamento e seu estômago se esvaziou.

Lágrimas escorrendo de seus olhos, Pearl agarrou o lado da pia. O vermelho manchava a tigela, mas não era nada para a horrível poça de vômito sangrento que o ralo não conseguia baixar rápido o suficiente.

Um pequeno redemoinho cresceu na bagunça. A água corrente diluía o carmesim de vermelho escuro para um leve rubor. Enquanto isso, lágrimas quentes corriam pelas bochechas frias.

O homem tinha um gosto terrível.

Contusões manchadas marcavam sua bochecha onde o estranho a atingiu. A parte de trás da cabeça dela era uma pasta descascada do impacto da calçada. Um olhar no espelho disse a ela que havia mais sangue... em seus cabelos,

ao redor de sua boca, saturando a lã preta de seu único casaco.

Gargantas rasgadas faziam uma bagunça.

Por trás de um lábio cortado, um par de presas delicadas permanecia distendido. Ela tinha sido incapaz de se retratar, muito chateada e muito assustada.

De olhos vermelhos, os olhos violeta olhavam para ela. — Você tem que lavar o sangue. Você tem que lavar o casaco. Você tem que limpar este quarto antes que alguém acorde. Pare de chorar.

A um quarteirão e meio de distância, um cadáver estava sendo coberto de neve, a mesma neve que trazia um par de trilhos irregulares até a porta.

Nas suas costas, a porta do banheiro comum estava trancada, mas era apenas uma questão de tempo antes que um dos outros inquilinos batesse para que pudessem se preparar para o trabalho. Demorou mais de uma hora até que a água de seu casaco se soltasse, para Pearl lavar o cabelo na pia, para limpar os cortes e arranhões.

O sol estava nascendo no momento em que ela se aconchegou em sua cama. Do lado de fora de sua única janela, a tempestade continuava e o mundo parecia branco e limpo.

Pearl sabia o que estava escondido sob aquela neve e, em questão de horas, o resto de Nova York também.

Fotografias em preto e branco do cadáver esparramado encheu as notícias da primeira página. Ele tinha sido

encontrado congelado, contusões leves em seus braços e pernas, garganta aberta, marcas de mordidas identificadas em seu pescoço. Ao lado do horror estava a imagem sorridente de um homem bonito, de reputação de qualidade. Chadwick Parker: empresário, homem da cidade e filho do poderoso juiz Parker. Ele brilhava com a vida naquela fotografia, bonito e alegre - um verdadeiro destruidor de corações.

Uma mentira conivente de um homem.

Bons homens cristãos não atacavam mulheres aparentemente indefesas em becos escuros. Eles não as violaram.

Pearl sabia melhor do que supor que ela tinha sido a primeira mulher que ele seguiu para casa. Com o passar dos anos, quantos outras ele machucou?

Ela não estava arrependida por ele estar morto... mas ela ainda podia sentir o sangue azedo dele em sua boca, podia senti-lo empurrando seu pênis dentro dela, e se sentia completamente impura.

Embora o homem que a atacou nunca mais pudesse machucá-la, ela era a que ficava aterrorizada.

A polícia estava procurando pelo assassino. Por ela.

Os bairros agarraram a história, a imprensa falando todos os fatos conhecidos sobre o assassinato grotesco. Embora o corpo não tivesse sido ensanguinhado, não importava. O relatório oficial do legista afirmava que dentes longos e afiados tinham sido a arma - que eles rasgaram a

artéria carótida enquanto roçavam um caminho da esquerda para a direita.

Não se parecia com a mordida de nenhum animal conhecido. O padrão de mordida pareceu humano, exceto dois incisivos semelhantes a presas.

O City Daily foi o primeiro jornal a usar a palavra *vampiro*.

A ilustre morte de Chadwick Parker foi tratada como o assassinato mais cruel que Nova York tinha visto em eras. *Mantenha seus filhos dentro de casa depois do anoitecer, suas mulheres seguras. Pesadelos se escondem na escuridão fria.* Ninguém mencionou que ele tinha sido encontrado com a sua calça aberta, pau para fora, ou perguntou por que ele tinha ido em uma tarde da noite passear por um bairro de má qualidade durante uma nevasca.

— Cigarro?

Cada mesa, cada casal tagarela estava sussurrando, gabando-se, fazendo conjecturas sobre a mesma coisa. Dela.

— Cigarro?

Pearl nunca se sentiu fisicamente bem em sua vida, mas desde que o sangue fétido daquele homem se acumulou em sua boca, ela dificilmente poderia manter qualquer coisa para baixo.

Mais ossos do que curvas em suas roupas, seu chefe barrigudo estava insatisfeito com o que via. — Você parece uma merda.

Não foi apenas o seu olhar indeciso. Pearl pulou nas sombras; ela derrubou bebidas nos convidados. Seu tempo

no clube de jantar estava em alta, seu pequeno quarto com sua janela seria perdido e, mais uma vez, qualquer tipo de vida que ela tentasse imaginar para si mesma seria arruinada.

Ela deveria saber melhor do que esperar que as coisas fossem diferentes.

Pearl, com a voz baixa para que as outras garotas não ouvissem, disse: - Me dê mais uma noite, senhor.

— Você não é tão ruim, Pearl. Você chega na hora certa, faz o seu trabalho... mas ninguém quer olhar para um esqueleto jogando cigarros.

— Eu vou colocar mais blush, pego a seção mais distante das luzes do palco. — Tonta, ela implorou. — Mais uma noite, senhor Weller. Por favor?

Ele não estava convencido, olhando para as marcas escuras sob os olhos dela, as alças nos ombros dela. — Você conseguiu o consumo?

Não era isso que estava errado com ela. — Não senhor. Eu estou apenas com fome. Os invernos são difíceis.

— Bem, pelo amor de Deus, coma alguma coisa, menina!

Ela aceitou sua advertência como aprovação e jogou a alça da caixa de cigarro sobre a cabeça. Uma vez que ela tinha corado até o pescoço, ela ofereceu um sorriso de boca fechada. — Obrigado.

Correndo dos vestiários, ouviu o Sr. Weller ligar de volta:

— A primeira queixa que receber e você vai embora, garota.

Sorrindo colada, tudo estava de acordo com o livro: faça uma reverência em cada mesa, fique em movimento, sem relaxar. Garantir que os convidados estejam felizes. Os olhares de soslaio, Pearl podia aguentar, até mesmo o ocasional olhar de desgosto em seu lábio partido. Se eles zombassem, ela sorria ainda maior, as presas recolhidas, todos os dentes à mostra, até que paravam de zombar e olhavam através dela.

Era assim que as pessoas trabalhavam; esse era o mundo que Pearl sempre conheceu.

Mais uma noite, mais dois dólares, então ela deixaria seu pequeno apartamento com suas paredes de papel floral e luz única no teto. Em um par de sapatos resistentes, ela podia caminhar até Boston ou talvez Filadélfia. Levaria tempo, semanas, mas não haveria mais jornais assustadores, não mais sentimentos que os prédios estavam se fechando em torno dela.

Ela poderia encontrar um emprego como este, talvez até outro apartamento com uma janela.

Ou... e se ela não fosse embora? E se ela levasse algum tempo e comesse muito? Se ela pudesse engordar suas bochechas na primavera, talvez o Palace Delight a quisesse de volta. Sem fundos, o quarto dela estaria perdido, mas morar na rua não era tão ruim. Ela tinha feito isso antes; ela poderia fazer isso de novo.

Espero que tenha sido um enganador maligno, mas ainda assim isso afetou seu coração. Fazia duas semanas e nenhuma alma bateu em sua porta. Talvez Nova York fosse

grande o suficiente para protegê-la. Afinal, ela veio aqui por um motivo. A Big Apple, a Cidade Dourada que ela sonhou durante décadas. Art Deco, edifícios cintilantes, mostra a imagem.

Tudo ficaria bem.

Uma respiração profunda e seu sorriso se tornaram genuínos.

Fiel à sua palavra, o Sr. Weller a demitiu no final do turno, mas não sem pagamento. Ele até colocou um dólar extra na mão dela por caridade. No momento em que ela vestiu o casaco e saiu para a noite gelada, seu mau rumo começou a se sentir administrável.

Ele a contrataria de volta, Pearl estava certa. Ela só precisava ganhar algum peso primeiro. A longa caminhada para casa era um bom lugar para começar. Sempre havia ratos em Nova York e eram fáceis o suficiente para pegar.

Ela pegou dois, drenando cada um fora da vista da rua. Quando os dentes dela afundaram no terceiro, o coração dela parou de correr, a respiração dela ficou até pela primeira vez em dias, e a sensação começou a voltar para os dedos congelados.

Ficar morrendo de medo das sombras era insensato. Foi um erro que ela prometeu não repetir.

A criatura morta e sarnenta caiu sobre a neve suja. Um suspiro cheio soprou como fumaça no ar gelado, Pearl encostou a cabeça na parede de tijolos de um prédio sombrio. No beco estreito, entre dois prédios altos, ela tinha uma pequena visão de um lindo céu para desfrutar.

— Eu posso sentir o sangue do humano em seu casaco.
apóstata

Cortando seu grito de surpresa, uma mão se fechou sobre sua boca... uma mão presa a um braço que tinha crescido da parede em suas costas.

Gritando por trás da braçadeira de dedos ásperos, Pearl lançou um olhar aterrorizado de um lado para outro em uma tentativa desesperada de ver quem a havia pego.

Ninguém estava lá, apenas uma parede e uma lata de lixo.

Medo alongou presas atrás de seus lábios, cílios cobertos com rímel ficou tão grande, o branco de seus olhos brilhava no escuro.

A sensação de argamassa irregular contra sua espinha se dissolveu, transformando-se de tijolos gelados no corpo firme de um homem.

Ele levantou-a para cima, apesar de suas pernas freneticamente chutando, enquanto figuras silenciosas se materializavam à sua esquerda e à direita.

O tijolo encontrou seu rosto, bochecha rachada, dentes rachados.

Atordoada pelo golpe, a boca de Pearl ficou boquiaberta e seus olhos se fixaram em um anjo.

O ser, o estranho, agarrou seu queixo, seus dedos distorcendo suas bochechas enquanto ele sorria. Aquele sorriso prometia dor, os tormentos do inferno e era a coisa mais aterrorizante que Pearl havia visto em sua longa e laboriosa vida.

Implorando não estava abaixo dela. — Eu nunca quis machucar ninguém.

Da boca do monstro, um par de dentes brancos e afiados cresciam longos e ameaçadores.

Duas longas presas como as dela.

Não poderia ser...

Não poderia.

Coisas como ela não existiam. Ela estava doente, isso era tudo. Ela estava doente e precisava da absolvição de Deus para salvá-la de sua deformidade e fome perversa.

O instinto discordaria dela. Um olhar para as presas e Pearl assobiou, começou a lutar a sério e foi terrivelmente punida.

O homem sorridente enfiou os dedos na boca dela. Engasgando quando ele prendeu sua presa, ela tentou morder. Levou vários empurrões duros, mas com uma chave de torção final, ele arrancou o dente diretamente de seu crânio.

Gengivas rasgadas, o soquete aberto e jorrando sangue, Pearl lamentou.

Nenhuma dor que ela já conheceu em comparação com isso.

Sua segunda presa foi arrancada, sua bochecha completamente rasgada de canto a orelha quando o homem rindo em seu rosto enfiou sua unha afiada na carne.

O anjo não tinha interesse em suas palavras, a pergunta em seus olhos, ou suas orações gorgolejadas... apenas sua agonia.

Capítulo Três

Pés arrastando-se sobre a calçada, uma corrente de sangue jorrou de sua boca para marcar o caminho. No tempo que levou para trazê-la a este lugar, ela os contou. Três homens com rostos angelicais e corações malignos haviam puxado a distância, e nem uma única alma tinha visto.

Balançando entre os dois, o melhor que pôde fazer foi pressionar a mão para o rosto mutilado, engolir o fluxo constante de sangue acumulado em sua boca e chorar. O agressor havia tomado mais do que suas presas, ele tinha tomado sua esperança equivocada de que poderia haver respostas para sua vida - que poderia haver mais para ela do que ano após ano de isolamento e solidão.

Havia outros como ela.

Como ela nunca poderia saber?

Mesmo quando a espancaram, Pearl tentou perguntar-lhes o que eram. Mas esses homens, esses anjos brilhantes, eram muito mais fortes e não tinham pena do que consideravam *um apóstata*.

Ela ia morrer, ser devastada. Se o que ele fez no rosto dela fosse qualquer exemplo, seria um final doloroso e brutal.

Uma carmesim pegajosa escorria pelo queixo, por cima do pescoço, manchando as roupas. Tentando manter sua mandíbula unida apesar dos tendões rasgados e da pele

rasgada, ela falhou. Pendurada, a língua inútil apenas manchada de sangue de orelha a orelha, misturava com suas lágrimas.

Rasgando o tecido, seu casaco foi puxado para baixo dos braços magros, a garota deixou apenas o uniforme vistoso e as meias rasgadas do clube do jantar. E foi assim que a fizeram caminhar pelo beco escuro e cheio de lixo onde ela esperava que eles a matassem e a deixassem apodrecer.

Não era um bom lugar para morrer.

O cabelo no aperto daquele que arrancou os dentes, a cabeça inclinada para trás, ela viu uma última visão das estrelas.

O homem começou a cantar.

Gemendo em protesto contra a curvatura natural de sua coluna, uma bolha de sangue em sua bochecha. Ela estalou, seus ossos quebraram em sinfonia com as pronúncias guturais de seu captor, e o mundo balançou.

Visão distorcida, paredes inclinadas para ela como se estivessem prontas para desmoronar e esmagá-la em pó, Pearl observou o mundo horrível se contorcer sobre ela e virá-la de dentro para fora.

Isso deve ser a morte.

Um momento depois, acabou.

O ceifador não tinha vindo. Seu coração ainda batia contra seu peito, seu sangue ainda escorria de sua boca arruinada, e a dor só cresceu.

Eles não estavam mais em pé na neve, escondidos entre casas enfileiradas. Agora, a alvenaria desigual e desgastada

pelo tempo estava sob seus pés, seu grito ecoando em um telhado de pedra arqueado, sem nenhuma partícula do céu para ser vista.

O grito morreu, e ao redor deles o som de conversas suavemente trocadas, o barulho de passos ecoando como se estivessem em uma grande catedral o substituiu.

Uma igreja?

Mas não havia cruzeiros ou padres, apenas uma congregação de estranhos observando enquanto ela era arrastada mais profundamente no santuário.

Talvez ela tivesse morrido e era assim que ela deveria ser julgada, sangrando e quebrada antes das brilhantes hostes do céu.

Quando ela foi arrastada para frente, ela teve um vislumbre da silenciosa multidão assistindo seu avanço. Ela encontrou os olhares de estranhos curiosos.

Ela as enojou. Alguns até mesmo cheiraram seu caminho, zombando.

Um chute forte atingiu a parte de trás de suas pernas; Os joelhos bateram na pedra com tanta força que seus dentes estalavam e a dor em sua mandíbula dobrou. Encurvada, Pearl segurava a bochecha rasgada, patética, assustada e completamente confusa.

O anjo que arrancou os dentes e abriu o rosto gritou para que todos pudessem ouvir: — Este apóstata é responsável por abandonar os restos mortais de Chadwick Parker, onde os humanos os encontraram. Eu a trouxe diante de você, meu senhor, como você ordenou. Ele jogou o casaco

roubado no chão diante deles. — E aqui está a prova. O sangue do humano morto está emaranhado em seu casaco.

Apertando os dedos até o couro cabeludo queimar, o homem empurrou a cabeça para trás para que todos pudessem olhar para o rosto arruinado dela.

Os homens e mulheres reunidos em volta sussurraram animadamente, mas Pearl não viu nada disso, não ouviu nada. A partir do momento em que sua cabeça foi lançada para trás, seus olhos estavam fixos em horror, colados à coisa que esperava na cabeceira da sala.

Isto não era o céu e ela não deveria ser julgada por Deus...

Estava escuro, a câmara iluminada apenas com lâmpadas a gás, em vez da popular lâmpada elétrica, mas ela viu o rosto do caído. A luz cintilou, desenhando os buracos e as bordas de seu rosto em total relevo. Mais hediondo do que qualquer demônio imaginado, falava, olhos vermelhos brilhantes engajados no homem que a segurava. — Dez dias levou você para encontrar o responsável, e tudo que você tem para me mostrar é uma mulher sem dentes e sem presas.

Elevando-se sobre ela, seu captor respondeu ao seu feudo. — Fraca como é, obviamente não se alimentou em dias. Meu senhor, pensou em se esconder da sua autoridade. Uma vez que surgiu, o apóstata foi capturado facilmente, com um mínimo de esforço. Seus dentes eu ofereço a você.

Como o casaco surrado, o par ensanguentado de incisivos alongados foi jogado como um dado em direção aos pés da monstruosidade.

O *presente* foi ignorado.

O diabo virou os olhos para ela em seu lugar. O poder daquele olhar vermelho ardente viajou como uma coisa viva para se acomodar em seu rosto ensanguentado.

Ele olhou através dela, imóvel, onde ficou em seu assento. Um músculo semelhante a uma corda envolvia ossos proeminentes - como se a carne da criatura tivesse murchado no túmulo. Grotesco como era, sua forma permaneceu maciça.

Ele queria ver o todo de seu rosto, exigiu que ela abaixasse a mão-Pearl podia ouvi-lo sussurrando em sua mente, pedindo obediência absoluta. Não havia possibilidade de resistir. Fraca, seus dedos escorregaram de onde ela implacavelmente tentou manter sua mandíbula unida, o dano em exibição para que todos pudessem ver.

Seu captor a chamou de desdentada; Pearl agarrou a calúnia sentindo vergonha. Isso aconteceu. Ela era quase tão medonha quanto o demônio.

Incapaz de formar palavras, incapaz de gritar, ela não conseguia se mexer, nem um músculo, quando um braço se estendia impossivelmente para o outro lado da sala. Dedos esqueléticos deslizaram pelo lado arruinado do rosto dela. Ele sondou, prendendo seu lábio sangrento para cutucar as órbitas vazias e os pedaços de ossos expostos entre as gengivas rasgadas.

Sua dor latejante e horrível se transformou em nada.

Uma carícia inesperada do polegar do diabo limpou o rasto constante de lágrimas, a longa unha amarelada no final cuidando para não arranhar.

Assim que a dor desapareceu, seu medo começou a se esvair até que ela ficou vazia de todas as coisas.

Olhos vermelhos e ardentes eram tudo o que ela podia imaginar, seu fim e seu começo. Nada mais importava; Nada existia além daquele demônio podre e dela.

Um lampejo de satisfação e seu interrogatório começou.
— Criança?

A monstrosidade mumificada segurou sua mandíbula, mantendo-a no lugar para facilitar sua fala. Com a língua grossa, Pearl se viu respondendo sem hesitação. — Sim?

Rouca e horrível, sua voz deslizou por seus ouvidos.

— Você matou o humano, Chadwick Parker, e deixou seu corpo na rua?

Ela piscou uma vez. Mais lágrimas caíram de olhos avermelhados, sua voz vazia. — Ele estava me machucando. Foi a única maneira de fazê-lo parar.

O monstro que não piscava projetava seu prazer, olhando para ela como se visse algo realmente digno de ser devorado. — Diga-me o que aconteceu.

Ainda como pedra, com as pernas desajeitadas, Pearl se viu encostada no toque de cadáver. — Estava escuro. Eu não queria falar com ele.

— E?

— Ele me forçou a me abaixar, rasgou minha saia tão rápido que ele estava dentro de mim antes que eu pudesse

gritar. — Ninguém teria vindo, mesmo que a tivessem ouvido pedir ajuda. As pessoas não desciam por becos escuros em busca de donzelas em perigo.

Os humanos ignoravam os gritos da noite.

O demônio respondeu a seus pensamentos não ditos. — Porque eles não são nada além de animais.

— Isso machuca.

Não houve mudança na expressão feroz da criatura que comandava a sala, apenas mais exigências. — Por que deixar o corpo?

O que o diabo esperava que ela fizesse com isso? — Eu tive que rastejar para longe antes que alguém visse.

— E ao fazê-lo quebrou uma lei crucial. — Se tal coisa fosse possível, ele parecia ainda mais imenso, seu mundo imediato nada além de lábios secos e olhos brilhantes cheios de fogo. — Como qualquer vassalo sob meu governo, você deve ser punida.

Suas palavras vieram confusas, como se de uma boca bêbada. — Eu estou assustada.

A fera quase pareceu sorrir. — Um apóstata deve estar com medo. Você terá sorte em sobreviver ao que está por vir.

— Eu não entendo. — Pearl piscou, uma trilha dupla de lágrimas escapando dos olhos atordoados.

— Você entrou em minha cidade sem permissão, escondeu-se da minha autoridade e pensou em caçar aqui, deixando uma bagunça que os humanos identificaram corretamente. Isto está claro o suficiente para você?

Não. Mesmo com sua mente preenchida pela vontade de algo poderoso, Pearl questionou o que a monstruosidade havia dito. — Vampiros não são reais. Estou deformada. Eu estou doente. Se eu for fiel, Deus terá piedade de mim.

O monstro riu, então pareceu pegar algo em seus pensamentos que parou sua alegria. — Você acredita que tal ridículo é verdade.

Fungando, sentindo sua mente se estragar enquanto o monstro mergulhava mais fundo, Pearl chorou. — Eu quero ir para casa.

Silêncio absoluto cresceu entre eles. Olhos brilhantes queimavam, a concentração da criatura palpável. Ele arranhou o caminho através de sua cabeça, raspando através da memória, separando o que ela era.

Ficou assustado.

Por fim, palavras vieram da boca do demônio. — Você me trouxe um daywalker. Você não sabe o que é.

Uma onda se moveu ao redor dela, estranha o suficiente para distrair fracamente a menina ajoelhada nas lajes. Murmúrios zumbidos e incessantes cresceram, *Daywalker* sussurrou de novo e de novo.

— Esta é para servir sua sentença em confinamento solitário. — Um anúncio veio do trono, a sala silenciada pelo seu senhor podre.

— Veja se ela é alimentada, Malcolm, e feche a porta. Com tijolos.

A qualidade onírica que invadira os sentidos de Pearl chegou a um fim abrupto. Quando a mão retorcida do

monstro recuou, sua dor voltou à vida. Colocada nos braços esmagadores do anjo com cara de pedra que não ofereceu piedade, ela foi levada da turba e profundamente para o subterrâneo escuro.

Capítulo Quatro

Ancorada no chão por cera derramada, o lampejo de uma única vela oferecia a iluminação solitária da cripta úmida.

Pressionada contra a parede oposta, outra alma arrependida compartilhava a escuridão de Pearl - um homem, encolhido e chorando, a quem Malcolm enfiou na cela pouco antes de trancá-la. Juntos, os dois ouviram o barulho e a explosão de tijolos empilhados do outro lado da única saída da sala.

Seus olhos se encontraram sobre aquela vela, ambos sabendo que este era o fim deles.

Um berço mofado embaixo dela, Pearl balançava com os braços ao redor dos joelhos, como se a dor de suas bochechas e gengivas pudesse ser aliviada por tal movimento.

Nada ajudou.

Ela estava em agonia.

— Por favor... não me machuque. — Como um animal encurralado, o homem - e ao contrário de outras coisas que ela viu no andar de cima, ele era um homem - olhou para ela com olhos arregalados e vermelhos.

Ele estava petrificado.

Pearl podia ouvir seu coração, o estrondo de seu sangue alto, mas ela não lhe deu atenção, embrulhada em sua própria miséria para se importar.

O estranho em pânico observou, se preparando, como se ela fosse pular para devorá-lo. — Não foi minha culpa... Eu disse a eles que não foi minha culpa. Eu não quero morrer.

Cabeça latejando, ela retrucou, palavras cortadas por lábios flácidos e inchados.

— Ninguém quer morrer. Isso não muda o fato de que todo mundo faz.

Ele soltou uma lista de desculpas, como se ela pudesse exonerá-lo de qualquer crime que o tenha colocado na mesma sala que ela. — O menino. Sim, eu o levei... mas não queria matá-lo. Eu não pertenço aqui, dama. Você tem que acreditar em mim. Eu não mereço isso!

Pearl queria silêncio. — A *coisa* lá em cima discordaria.

O humano atormentado era muito maior do que ela, mas ele se encolheu como se uma menina desdentada e quebrada fosse a maior ameaça existente. — Por favor não me coma. Eu quero ir para casa...

— Comer você? — Ela zombou. O gosto dos homens era ruim e este cheirava especialmente vil. — Eu não vou comer você. Encontre o seu caminho. Vá para casa por tudo que eu me importo.

Ele levou sua palavra ao coração e, como um tolo, tentou abrir a porta. — Não vai ceder.

Nem seria isso.

Foi fechado com tijolos.

A menos que fosse libertado em poucos dias, o macho morreria por falta de água e comida. Então ela teria seu cadáver por companhia e a doce podridão que apodreceria os mortos. E ficaria quieto. Sabendo que eles a empurrassem para um túmulo antigo.

Pearl tinha que admitir, a vela era um toque interessante... um último momento de luz que logo se apagaria. As paredes de pedra não tinham janelas, apenas as prateleiras entalhadas de uma cripta sem caixão, o catre e a sujeira.

Quando ela foi arrastada para este lugar horrível, antes de sua entrevista com o diabo, a estrutura de pedra parecia uma igreja. Agora ela tinha certeza de que tinha sido antes de ser profanada. Era a sensação do lugar: impiedade, desespero. Coisas ruins aconteceram nesses corredores ao longo de vários anos diversos. Quantos outros túmulos antigos mantinham prisioneiros apodrecendo? Quantos deles tiveram uma vela final?

Pearl considerou queimar sua roupa para estender a luz, mas parecia inútil. O escuro iria interceder em breve, e ela preferiria ser quente - tão quente quanto alguém pode estar em uma caixa congelante - do que manter falsas esperanças.

Com os joelhos sob o queixo, ela viu a chama cintilar no último fragmento de pavio, até ser apenas uma brasa. O cheiro de fumaça no ar, o espaço ficou estagnado. Olhos abertos ou fechados, não fazia diferença. Não havia nada para ver.

Mas havia algo a temer.

Agora que toda a luz havia sido apagada, ela podia sentir isso assistindo do escuro.

Antes de tê-la jogada no buraco, *a* olhara, a sensação de *suas* mãos frias acariciava seu rosto. Ela podia ver os olhos vermelhos brilhantes, o diabo olhando para ela do abismo sem luz. E então ele estava lá, crescendo das sombras, escoando do chão como se puxasse a escuridão para a forma de seu desejo.

Fechando os olhos, Pearl escondeu o rosto contra os joelhos.

De pé sobre ela, elevando-se e projetando agitação, o demônio assobiou: — Você foi ordenada a ser alimentada. Por que esse humano ainda está vivo?

O humano começou a gritar.

Pearl gritou quando um toque frio pousou em seu couro cabeludo. — Eu não posso!

A carícia de dedos inclinados em garras tropeçou em seu crânio. A sensação do vento percorreu seu cabelo, as unhas da criatura provocando uma mecha de cabelo emaranhado de sangue. — Você não aprendeu a sangrar sem usar os dentes? Não é difícil abrir uma veia.

Por que estava tocando-a, seguindo levemente a concha de sua orelha com uma garra?

Petrificada, Pearl tentou não respirar, não se mexer. Ainda assim, o monstro de olhos vermelhos explorou, mergulhando a unha amarelada mais abaixo para explorar a curva de sua garganta antes de se afastar.

Momentos depois, do outro lado da sala, ouviu-se um guincho molhado e abafado do humano.

Seus gritos pararam.

— Eu fiz isso. Sua garganta está aberta. Beba.

Pearl recusou-se a ceder.

Outra ameaça foi emitida. — Você deseja que eu force você, criança? Me obedeça imediatamente.

Seu desgosto era óbvio.

— Assim seja. — A *coisa a* pegou pelos cabelos, inclinando a cabeça para trás. Algo quente e úmido pingava em suas bochechas. Lábios caíram sobre os dela, a boca do diabo se abrindo para que o líquido acobreado pudesse derramar dele para ela.

Engasgando, Pearl tentou empurrá-lo. Não adiantou. Ele ia afogá-la se ela não engolisse. Obedecendo, o sangue descia pela garganta como ácido até a barriga. No instante em que o demônio se afastou, ela vomitou, até a última gota cuspir em seu colo.

— Entendo...

Afastou-se, Pearl enrolando-se numa bola soluçando no catre.

Ela não precisava vê-lo para saber o que o monstro de olhos vermelhos estava fazendo. Sons de chupar, de dor humana, misturados até que o coração gago do moribundo contou a história.

Quando terminou, um cadáver bateu no chão e mais uma vez se aproximou. — Devo oferecer uma fêmea? Você pode beber delas?

Com movimentos bruscos, Pearl sacudiu a cabeça.

Um sorriso alterou o rugido do monstro. — E de crianças, bebês... eles não tentam você?

Ela ia vomitar de novo. — Deus me ajude.

Mais uma vez, ele se atreveu a colocar a mão em cima da cabeça dela, a dedilhar o local onde pedaços de cabelo tinham sido arrancados pelo seu laçaio. Uma risada encheu a oferta do diabo. — E quanto a mim, eu seduzo sua atenção?

Pearl se recusou veementemente, encolhendo-se com a sensação de braços inflexíveis envolvendo lentamente seus ombros. O catre rangeu, o peso do demônio se acomodou o suficiente para que aqueles olhos vermelhos faiscassem a centímetros do rosto dela.

Quando o instinto a levou a lutar, chutar e gritar como se ela tivesse a menor chance de forçar a coisa vil, o diabo penetrou em sua mente. Ele a manipulou exatamente como fizera quando foi despejada diante de seu trono - deslizando por trás de sua barreira de medo - levando-a embora até que sua presa permanecesse imóvel e calma.

Ele a manteve quieta. Ele a controlou. — Diga-me seu nome nesta vida.

Lábios rasgados se separaram.

—...Pearl.

— E você me acha tão repulsivo, Pearl? — A criatura não precisou de uma resposta. Em vez disso, ele ofereceu uma lição. — Eu te ofereci escuridão, então você pode não olhar para o que você abertamente recuou à primeira vista, e ainda assim você se encolhe. Eu lhe ofereci comida, o

conforto da minha presença, um toque gentil... e ainda assim você se atreve a recusar minha atenção, — o demônio de olhos vermelhos deixou aquele olhar horrível ir para sua boca arruinada. — Minha Pearl.

Impotente, ela se desdobrou quando o corpo dele se moveu contra ela, curvando-se de volta ao sentir um aperto leve em torno de sua garganta. Incapaz de ver além do brilho de seus olhos, ela só podia sentir o frio dele, o sussurro de sua respiração em seu rosto.

Presa ao colchão, Pearl ficou indiferente enquanto seus dedos deslizavam e se aninhavam. Ele a moveu à vontade, deitando a cabeça na dobra do ombro, as pernas enredadas no tecido esfarrapado de suas roupas apodrecidas.

— Tão adorável... — Ele estava mais arrebatado do que ela, as pontas dos dedos fantasma sobre o arco de sua testa, provocando a franja de seus cílios.

O toque gelado recuou, mas não antes de os farrapos de sua mandíbula se separarem.

Houve um rangido, um som parecido com os estalos da madeira rachada, e a coisa começou a sangrar. Tendo alugado sua própria língua diretamente no meio, ela a lambeu contra o céu da boca de Pearl, sobre os dentes, até que o sabor mais doce que ela já provara começou a escorrer pela garganta.

Blackberry cordial. Sorvete derretido. Era como beber o luar misturado com vinho.

Lentamente, o sangue grosso corria, a língua bifurcada de seu atormentador brincando com a dela. Ela se viu

implorando, o ar preso soprando de suas narinas quando ela sucumbiu à fome e bebeu. Chupando a língua, frustrada quando a fonte de nutrição se curou antes que ela se enchesse, ela tentou morder.

Seus dentes não podiam manter sua carne aberta, não importava o quanto ela mordesse.

Sem suas presas, ela poderia fazer pouco mais que inspirar uma risada estridente no peito do demônio.

Sua invasão de sua mente se retirou, a fome permaneceu. Pearl descobriu que era ela quem se agarrava a ele, ela que lambia a boca dele, ansiando por mais.

Esse foi o seu truque...

Ele roubou seus braços para trás, deixou-a deitada atordoada e morrendo de fome no catre. — Você não vai me beijar, Pearl?

Ela engoliu o suficiente para sentir os efeitos de um gole de escuridão. A pele de suas bochechas estava se juntando, coçando enquanto se remendava... mas sua barriga ainda estava tão vazia.

Não foi o suficiente.

Ousando admitir confusão, repulsa e prazer, Pearl ficou bêbada. — Continuo com fome.

Uma unha afiada pastando delicadamente de um lado para o outro sobre a clavícula, a criatura sorriu. Inclinou-se para baixo, a boca trabalhando sobre sua garganta, provocando gentilmente sua pulsação. — Devo cortar minha garganta para que você possa se alimentar?

O desejo instantâneo por uma bebida mais profunda estava em desacordo com um pensamento mais claro. O que ele ofereceu não era o que parecia.

Sem fôlego, os olhos abertos e sem piscar no escuro, ela sentiu uma unha afiada roçar sobre o mamilo e completa repulsa voltou. A mão do demônio se esgueirou para baixo, como se quisesse mergulhar entre as pernas.

O medo insidioso floresceu de volta à vida, lambendo-a, arruinando qualquer possibilidade que Pearl tivesse tido por outra razão. Ela não implorou por misericórdia, nem gritou quando uma garra perfurou sua roupa de baixo. Ela passou por aquele ponto quando um flash separado de garra passou pela pele coriácea.

O monstro se cortou profundamente, um jato de rio no rosto dela.

Talvez se ela não estivesse com tanta fome, Pearl poderia ter exercido autocontrole, mas um pequeno gosto, sua oferta pingando sobre seus lábios, e ela se agarrou, apesar do dedo seco se contorcendo mais profundamente em seu corpo.

Fixada a sua ferida, ela abriu a fissura de carne, enfiando a língua na carne do pescoço dele para forçar a fonte mais larga. Com avidez, ela empanturrou, nunca tendo feito uma refeição que satisfizesse e aquecesse como esta bebida profunda fazia.

Enquanto ela se empanturra, ele cutucou sua roupa, separando-a com unhas e punhos até os seios se soltarem de seu vestido e o ar frio se mover sobre as coxas machucadas. Ele a despiu, os restos de suas roupas foram deixados sob

seus corpos, e então ele fez o mesmo com suas roupas antigas.

Ela teria bebido ele seco, totalmente inconsciente de suas ações se sua palma não estivesse resolvida como uma lixa sobre o peito. Um arranhão de seu toque de pele seca raspando seu mamilo e ela choramingou, lábios se separando de seu pescoço.

Parecia... estranho.

A pontada de seu peito formigou, respondeu a um beliscão do indicador e do polegar do monstro. Quando suas coxas manobraram propositadamente para suas pernas separadas, quando a pressão foi colocada contra o seu monte, Pearl descobriu que não tinha nenhum foco para resistir. Não com aquela deliciosa fonte escorrendo para encher sua boca.

Enquanto ela se alimentava, o monstro falou. As coisas que ele disse, se Pearl estivesse além da sede de sangue, a teriam feito gritar. — Eu esperei uma eternidade por você, *kara sevde*. Seu sangue será meu sangue, sua boceta gotejando todas as noites será minha . Toda a sua parte ficará saturada em mim, em seu senhor. Esqueça o seu Deus e adore aos meus pés.

Quando sua barriga ficou cheia e sua boca caiu de sua garganta, Pearl não recebeu absolvição.

Foi uma sedução desonesta; o de olhos vermelhos, tendo esperado para que pudesse olhar em seu rosto quando seu pênis atravessou direto em seu corpo desprevenido.

O choque foi menos de dor e mais de espanto. A boca de Pearl caiu aberta, a cabeça jogada para trás na intrusão. A monstruosidade enganosa tinha tomado vantagem bruta, deixando-a apertada em torno da carne morta dentro dela.

Suas partes femininas... a fenda que ele chamava de boceta... parecia esticada sem piedade. A sensação ardente não diminuiu, não importando o quanto ela tentasse se arrastar sob os olhos vermelhos brilhantes e inabaláveis.

Não houve negociação. Ele não tentou acalmar. Em vez disso, a criatura empurrou brutalmente seus quadris, encostou-se nela e ficou contida com facilidade. Quando seu impulso cresceu mais do que experimental, quando seus seios saltaram e fricção construído, *ele* começou a gemer.

As respirações e prazeres sibilantes e saturados eram grotescos, o modo como seu corpo respondia enjoada.

Ela estava ingurgitada, os nervos formigando, apertando, medo e fome alimentando o acúmulo. Se as batidas implacáveis não parassem, Pearl ia se dividir em duas.

Lágrimas escorreram de seus olhos quando a ondulação do músculo onde ele invadiu começou a se apoderar. Não tendo certeza do que estava acontecendo, ela chamou seu Deus.

O diabo riu.

A dor rastejou pelos nervos, tomando vida em seu intestino e se transformando em algo obsceno.

Ela não estava gritando em agonia, era outra coisa, algo estranho.

Puxando até que apenas a ponta do seu instrumento estivesse enfiada na fenda ensopada. Depois de recuperar o fôlego, olhando horrorizada, tudo começou de novo.

Toda vez que ela estava à beira do abandono, o diabo tirava o que a separava. Pode ter sido horas, pode ter sido dias, antes que Pearl entendesse seu tipo de tormento.

Isso nunca terminaria até que ela implorasse pela mesma coisa que achou tão nojenta.

Soluçando, ela pediu misericórdia. Disse-lhe palavras sujas, pior do que qualquer uma que ela ouviu de homens no clube da ceia, caiu de seus lábios inchados, o desespero atando cada última súplica até que o monstro criou e redobrou seus esforços. No instante em que descobriu seu primeiro clímax, ele colocou os dentes no pescoço dela, perfurando a pele macia.

Seu pau balançou e ele jorrou.

Ele não bebia muito, mas a exaustão, ao contrário do que ela já sabia, tornava os olhos de Pearl pesados e seus membros inúteis. O gemido empoeirado de uma fera ainda enchia o ar, e não foi até que ele saboreou totalmente seu prazer, que o demônio pôs os lábios na mesma pele que ele machucou.

Pequenos beijos apimentavam a carne tenra do raspar de seu peito. Delicadamente, ele chupou o mamilo, língua provocando, dentes beliscando. O hálito quente se espalhou sobre sua carne quando ele suspirou. — Como eu gostaria que você se lembrasse da glória deste momento como eu quero, mas, infelizmente, isso não pode acontecer.

Enquanto ela estava em choque e horrorizada, revirou os quadris para provocar um lembrete cruel de que ela gostava de seu sangue, seu pênis e até mesmo sua brutalidade.

A sala estava mais uma vez fria, Pearl consciente da coisa horrorosa que a tinha fodido cru e da ameaça que suas últimas palavras representavam. — Eu não quero morrer.

Se o puro mal pudesse ser doce, o demônio fez uma tentativa, arrulhando gentilmente para ela. — Você é valiosa demais para quebrar. Não, minha Pearl, você será minha para sempre.

Capítulo Cinco

Acordando grogue, Pearl se virou na cama e se aconchegou mais em cobertores macios para se aquecer. Uma dor surda irritou suas gengivas, e distraidamente ela lambeu o local, apenas para descobrir que dois dentes estavam faltando. Não apenas dentes, mas os dentes afiados que ela tentou várias vezes na vida para arrancar.

A coisa que fazia as pessoas terem medo dela quando ela ficava com medo ou com raiva...

Suas presas sumiram.

Jogando de volta as cobertas, sua mão voou para sua boca, e o choque sobre o incômodo desconforto foi substituído por absoluta perplexidade.

Ela não tinha ideia de onde ela estava.

Havia luz, dourada e suave ao redor do quarto mais estranho que ela já tinha visto. Nem uma única janela contribuiu para o brilho, apenas candelabros dourados de peso, antigos em design, espalhados. Uma pequena parte das velas queimava em tocos, ao lado deles velas novas com mechas brancas e intocadas esperavam para serem acesas.

Ela estava em uma cama maior do que qualquer outra que ela já tinha visto. Ele emitia a fragrância sutil da madeira de teca e era estranho em seu design e altura. Acima dele, havia um dossel, pesadas cortinas de ouro bordadas,

amarradas e recolhidas por âncoras implantadas em paredes de pedra em ruínas. Em camadas ao redor de seu corpo havia colchas de veludo vermelho, os travesseiros suntuosos e abundantes nas costas.

Entre os candelabros e a cama, havia poucos outros móveis na pequena sala. Uma escrivaninha tomou o centro do palco, um grosso volume aberto sobre ela. Ao lado do mata-borrão havia canetas, um pincel, um espelho de mão. Até um pote de blush.

Havia mais, outras coisas espalhadas, pedra sombria. *Tecido* estranho contra a pele dela...

Sobre seus seios não estava o uniforme familiar que o Palace Delight lhe cobrara três dólares, mas um chiffon preto. Assim, os mamilos estavam expostos, pendurados em seus ombros como a versão de uma camisola de uma prostituta.

Alguém a vestiu nisso. Alguém a havia colocado nesta sala.

As lembranças de um homem segurando-a na neve, de dor, a deixavam mais fria que o gelo. Ele a trouxe aqui depois que ele terminou? Ela não o matou?

Havia muito sangue...

Um sabor azedo.

O que estava acontecendo?

Não havia saída, exceto uma porta de madeira, diretamente de um cenário de cinema medieval. Inclinando-se contra o portal, meio que escondendo a moldura, havia um enorme espelho. Como os candelabros, era excessivamente

ornamentada, vistosa e parecia pesada demais para ela se mexer.

Desembaraçando-se das cobertas, os pés de Pearl pousaram em um tapete de bordô e cobalto. Sob a lã de cores vivas jaziam juncos que rangiam no instante em que ela colocava peso no pé. Com ela a cada passo, o cheiro da erva seca misturava-se com o mosto da sala, a fumaça das velas e o cheiro de âmbar cinzento.

Seus pulsos estavam perfumados.

Colocando o braço perto do nariz, ela inalou e notou um anel ornamentado brilhando em sua mão. Ela não sentiu a coleção de pedras cintilantes, mas agora mantinha sua atenção completa. A peça era muito maior que as jóias art déco da moda; as pedras eram muito mais grandiosas. No centro, um rubi liso, arredondado, grande como um olho, ancorado por ouro manchado e cercado por pérolas de semente.

Ao contrário dos outros objetos na sala, algo estava *errado*. Beliscou e sentiu-se mal-vinda. Arrancando o anel de seu dedo, ela o rejeitou como se estivesse amaldiçoado.

Com o peito subindo e descendo em pânico, Pearl tentou entender tudo - as paredes de pedra meio escondidas pelas pinturas pastorais, o sentimento de mau presságio - e sabia que aquele era um lugar ruim.

Arrastando-se em direção à saída baixa e arqueada, ela se viu presa no espelho antes que a mão trêmula pudesse tentar a maçaneta.

Havia uma razão para a mobília colossal ter sido deixada lá... a porta era apenas uma sedução. O verdadeiro objetivo do objeto era aproximá-la o suficiente do vidro reflexivo para ver.

Seu cabelo não estava mais preso a um prumo elegante. Erradamente, ela passou por seus ombros, emaranhada do sono. A forma do corpo dela era estrangeira também. Onde estavam suas costelas proeminentes, as marcas escuras sob seus olhos?

Sim, ela sempre foi atraente em seu caminho, mas ela nunca brilhava com saúde. Ela nunca teve curvas suaves ou seios fartos.

Os olhos azuis não tinham a maquiagem que ela meticulosamente aplicava todos os dias. Ela não precisava do pó, nem do rímel. Se ela tivesse aparecido no Palace Delight com *essa* aparência , o Sr. Weller nunca teria demitido ela. Ele teria promovido ela.

Inferno, ele teria se casado com ela.

— Na maioria das noites, quando chego até você, você ainda precisa se olhar no espelho. É a visão que habitualmente chama sua atenção, Pearl.

Um grito sem graça veio da garota, Pearl girando para encontrar um estranho que andasse em sua direção.

Presa entre as unhas compridas, ele segurava o anel que ela rejeitou. Ele ofereceu a ela, sorrindo esplêndido, mas tudo o que ela podia ver eram seus olhos.

Eles estavam vermelhos como fogo e tão completamente errados que ela pensou que poderia estar doente.

Colocando a mesa entre eles, ela viu o que toda mulher em Manhattan consideraria perfeição. Ele era lindo, tinha as bochechas raspadas, o cabelo escuro penteado para trás no estilo de Gary Cooper - mais bonito do que Gary Cooper, se tal coisa fosse possível. Mas ele não estava vestido como um cavalheiro. Em nada mais do que um longo manto preto amarrado com uma faixa na cintura, ele mal estava vestido.

Algo sobre ele, além do sangue vermelho de seus olhos, colocou os cabelos na parte de trás do pescoço em atenção.

Seu olhar perdeu o brilho carmesim, crescendo em um marrom quase suave enquanto sorria. — Eu sou Darius.

Olhos vermelhos, pedra fria e o grito de um homem agonizante no escuro... fragmentos de memória ecoaram até que a sala com seus ornamentos parecesse outra coisa.

Um túmulo cheio de monstros.

— Onde estou?

Seu olhar tropeçou em seus seios, admiração por todo o rosto. — Eu não queria assustar você, Pearl. Chegue mais perto para que eu possa ver que você está bem.

Tonta, Pearl colocou os dedos no rosto. Tinha sido rasgada por último, lembrou ela, unidos por um demônio de olhos vermelhos que havia se infiltrado em sua mente e fez a ela suas perguntas.

Uma única vela em uma sala mais fria que a morte.

O corpo de um cadáver se movendo contra e dentro dela.

Murmurando para si mesma, presa entre o presente e o passado, Pearl disse: — A luz se apagou e você entrou.

E agora a luz dourada era abundante, o demônio de olhos vermelhos estava de volta, envolto em pele bonita e caminhando em direção a ela com um sorriso.

Ela se atreveu a contrariar seu avanço com um retiro, e um rosto que era bonito cresceu de impaciência. — Ajoelhe-se, minha Pearl.

Era como se alguma força invisível a empurrasse para baixo. Pernas bateram no chão, a garota se dobrou para baixo, seu corpo totalmente fora de seu controle em seu comando.

— Olhe para mim.

Na atitude de oração, com o corpo prostrado e as mãos postas à sua frente, Pearl olhou para o que se aproximava dela. Uma mão bem cuidada avançou como se quisesse abençoá-la.

Seus dedos eram quentes, macios, mas um toque fantasmagórico de memória veio junto. Lixa, garras... dor no escuro.

E então a memória de algo que não era dor. A sensação íntima em sua barriga era profana, assim como o desejo de alcançar entre suas coxas e esfregar.

O homem riu. — Sua mente vai a lugares interessantes, querida garota. Você está com medo e excitada de uma só vez. Isso faz de você particularmente deliciosa. Você está tentando me tentar? Eu odiaria negligenciar meu tesouro.

Um coração pulsante cresceu entre as pernas dela, o suor saindo pela testa enquanto a respiração de Pearl se tornava superficial. — Isso é o inferno?

O estranho a levantou do chão. — Se fosse, seria o seu inferno ou o meu?

Sem preâmbulo, ele segurou seu seio, sua língua molhando o lábio inferior.

Impulso levou-a a levantar o braço. Ela o atingiu.

Toda a força dela, e o tapa nem sequer virou o queixo. Em vez disso, inspirou olhos vorazmente aquecidos e um sorriso crescente cheio de promessas desagradáveis.

Corre.

Mas não havia para onde ir.

A porta a encontrou de volta, o homem pressionou indecentemente a sua frente. Lábios chegavam ao seu ouvido, oferecendo calor quente, — Você pode deitar na cama, pernas obedientemente separadas, e eu vou ver que você sente o prazer da minha boca onde você coça. Ou, você pode beijar minha mão e implorar meu perdão por tal rudeza, e eu posso achar em meu coração ser paciente e ver suas outras necessidades primeiro. — Sua mão veio ao rosto dela, tomando sua mandíbula com força suficiente para ser mais sinistro que doce. — Mas nunca me atinja, criança, a menos que você queira que sua noite seja de sofrimento.

Ela conhecia bastante dor em sua vida. Buscando misericórdia de algo que aterrorizava sua alma, ela implorou: — Por favor. Eu não queria matar esse homem.

Sorrindo ameaçadoramente, o estranho, Darius, capturou seus dedos. — Querida, kara sevde. — Ele não quebrou o contato visual. O anel que ela jogou deslizou para casa, aninhado onde ele queria que fosse, e então ele

levantou as pontas dos dedos e os beijou. — Você tem uma fraqueza por desejar viver no passado. Eu exijo que você viva apenas neste momento. O que veio antes e o que virá depois não importa. Eles não existem para você. Nada além deste quarto e minha atenção existem para você.

— Eu não entendo.

Sua mão voltou para seu peito, o homem de olhos vermelhos a desafiando a bater nele de novo. — O que há para entender? Eu sou seu tudo e você é meu amado tesouro.

Com o rastejamento da pele, ela sabia mais do que tudo que queria sair daquele quarto - tanto quanto queria que o homem parasse de amassar o seio. — Eu não quero ser seu tesouro.

Um rosnado baixo, de natureza demoníaca, precedeu: — Onde está sua gratidão hoje, Pearl? Eu não aprecio quando você acorda com um temperamento.

— Eu pertenço a Deus.

— E o que Deus faria por minha querida? Onde você estará mais segura do que aqui? Onde você poderia estar mais confortável? Como você é, você está tão enterrada debaixo da cidade que nenhuma alma poderia te encontrar. Ninguém vai te tirar de mim. Nenhum outro saberá o gosto do sol em suas veias. Eu fiz todos eles esquecerem. Você existe no meu mundo sozinho.

Olhos lançados para o teto, ela ofereceu uma oração. — Jesus, me ajude.

— Não há Deus para você além de mim. Não há céu esperando por você. Eu possuo sua alma e seu corpo. Eu

posso sua mente, Daywalker... seu sangue. — Tudo isso foi dito gentilmente, amorosamente, cada palavra ácida e contaminada pelo mal. Sua voz a queimou. — Eu sou sua vida e sua única razão de existência. Sem o meu cuidado, você viveria sozinha nesta tumba por toda a eternidade... esquecida pela coisa pela qual você oraria.

Acariciando seus cabelos, ignorando seus encantamentos para o Senhor Cristão, ele murmurou: — Seu afeto ganhará uma recompensa. Dê-me um beijo e pare com essa teatralidade de uma só vez. Estou te dando uma chance de evitar a punição hoje.

Ela balançou a cabeça.

Ele pegou o cabelo dela com os dedos com garras e forçou o pescoço a dobrar onde ele queria. Na coluna de sua garganta, ele lambeu um caminho até o ouvido dela. — Eu te disse para me beijar, Pearl.

Com a respiração trêmula, incapaz de sair da força de seu aperto no cabelo, Pearl choramingou, parou a prece e ofegou quando uma pequena picada fez seu pescoço saltar.

— Deliciosa. Seu medo quase vale a pena. — Uma língua correu por sua veia pulsante. — Mas eu tenho outro sabor em mente hoje.

Recuando, ele soltou o cabelo dela, sorrindo enquanto ela caía contra a pedra áspera.

Torcida em sua oferta doce era uma ameaça muito mais sinistra. — Última chance. Beije-me, implore meu perdão pela sua grosseria e vamos começar de novo.

Pearl não queria dor, ela já teve o suficiente em sua vida. Ela não queria terror, mas estava encarando-a no rosto. Engolindo em seco, certa de que ia ficar doente, pegou a maçaneta da porta e encontrou-a fechada..

Não seria movido.

Se ele estava ansioso para o embaralhamento de seus dedos em suas costas, ele não disse nada, o diabo gloriosamente bonito aparentemente paciente.

— *Fechado com tijolos*— , ele disse. Ela se lembrou dos sons, o humano tentando agarrar sua saída. Ela se lembrou do que realmente era esse quarto.

Uma cripta para ser enterrada.

Não havia saída.

Deus não ouviu suas orações.

Sua língua tropeçou e saiu de sua boca a única fatia de salvação que ela podia alcançar. — Sinto muito pela minha grosseria.

— E?

Ele pode ter sido bonito, mas ela se lembrava do monstro que havia falado com ela do trono. Era quase impossível poi-se para frente e pressionar um beijo na bochecha do homem, certa de que ele iria feder como um cadáver apodrecendo.

Em vez disso, ele cheirava a sândalo e sangue fresco.

Algo sobre isso a fez molhar a boca e trouxe um formigamento para esvaziar as órbitas dos dentes. O formigamento se tornou um aperto agudo, dois pequenos dentes descendo para romper a linha da gengiva e terminar

como pontos inúteis muito curtos para serem de alguma utilidade.

Rindo, o demônio a levou de volta até que sua cabeça bateu na porta impenetrável e sua língua estava profunda em sua boca. Ele lambeu cada mancha de sangue, brincando com suas presas perplexas como se ela tivesse feito algum ato fofo.

Foi menos um beijo e mais uma lavagem, o tempo todo olhos vermelhos brilhantes olhando diretamente para os dela.

Com uma última língua enrolada, ele se afastou, provocando: — Você esta com fome?

Sim? Não. Ela não era voraz, não da maneira como se lembrava. Mas sob o terror, ela estava com fome de *algo* - algo doce e cheio que curava a alma e engordava a carne.

Algo que tornou tudo melhor.

Ela queria aquele delicioso prazer, como se fosse uma droga. Quebrando o contato visual, ela olhou para o pescoço do estranho, choramingando em sua garganta e completamente perdida em necessidade desconhecida.

Esticando-se para a frente, Pearl se segurou a centímetros de colocar seus dentes inúteis na carne do diabo quando deu uma advertência.

Ele pegou o queixo dela, batendo no nariz dela enquanto aconselhava. — É uma coisa boa que você parou desta vez. Nunca pegue o que não é oferecido. Embora eu nunca permita que sua mente se apegue à memória, eu prometo a você, é a pior das punições que eu posso oferecer.

Mais uma vez o sangue dela ficou frio. — Você faz parecer que eu estou aqui há muito tempo.

Rolando palavras cheias de fumaça e enxofre, ele perguntou: — O que eu te disse sobre o tempo? O único momento de qualquer valor em sua vida são os momentos que você passa comigo.

— Quantos momentos houve?

— Não o suficiente.

O que ele fez com ela nos dias que ela se perdeu neste lugar? O que ele faria? — E você me pune?

— Quando me sinto inclinado. Mas eu não estou ansioso para prejudicar seu doce corpo esta noite. Virando as costas e atravessando a sala para acomodar sua massa na beira da cama excessivamente grande e ornamentada, ele disse: — Esta noite eu vim ao meu animal de estimação dar prazer. Se você me agradar, eu vou deixar você beber o seu preenchimento. Desaponte o meu apetite e eu lhe trarei muita dor. Pois não tenho paciência para um tesouro insolente. Salve-se do tormento. — Ele inclinou um dedo, chamando-a para frente. — Venha aqui.

Ela não sabia nada sobre agradar os homens. Os homens que a usaram, tinham feito apenas isso - deixando-a manchada e envergonhada enquanto eles escondiam seus pênis e a abandonavam onde ela tinha sangrado.

Era para ser uma dor ou outra.

Pearl poderia se submeter agora e poupar a garota que acordaria amanhã para algum horror imprevisto. Ou ela

poderia recusar, ganhar a ira do demônio e saber sofrer imediatamente.

Ela *estava* no inferno.

Matar Chadwick Parker a havia pousado aqui.

Um pé na frente do outro, dez passos no total, e ela estava diante de seu atormentador.

Darius pegou seu pulso, levou-o aos lábios para beijar suavemente, antes de puxar seu rosto para o colchão. Tensa e trêmula, ela deitou ao cair, de rosto no veludo vermelho. Ele se levantou e foi para trás dela, virando a garota para cima.

— É como a primeira vez toda vez, não é? Minha Pearl é praticamente virgem. Sempre fresca. Sempre assustada. — Rastejando sobre seu corpo, ele levou o mamilo envolto em sua boca para uma sucção aguda. Uma vez que se soltou, ele brincou: — Mas eu sei como fazer da virgem uma prostituta.

Os olhos para as cortinas da cama, os dedos em punhos nas mangas do manto do homem, Pearl tentou ficar imóvel. Deixe-o fazer o que puder, deixe-o levar, sabendo que a noite terminaria e ela esqueceria tudo isso.

Amanhã seria melhor.

Capítulo Seis

Não houve amanhã.

A primeira vez que ele a fodeu foi lenta, e terno. Não parecia a mesma criatura assustadora que provocou, ameaçou e zombou.

Ele a levou como alguém que toma um amante, uma esposa querida. Beijos longos, toques doces, até mesmo a entrada do seu pênis ingurgitado tinha sido suave. Longos dedos pregados passavam por seu corpo, mergulhando em lugares que traziam prazeres inimagináveis. Ela poderia ter chorado sabendo que o amor poderia realmente existir no mundo e que ela nunca saberia disso.

Essa coisa não a amava. A prova estava lá em sua violência quando ele se cansou de gemidos suaves e esvoaçantes.

Com seu sêmen escorrendo de sua fenda, Pearl ofegou, satisfeita no corpo por uma espécie de alívio que ela nunca conheceu.

Ou sabia muitas vezes, mas não conseguia lembrar.

Ele puxou para fora, beijou-a na boca como se ela tivesse se comportado perfeitamente, então abruptamente desviou o braço direito para dentro do lugar que ele tinha acabado de usar - todos os seus dedos, seu punho no pulso enquanto ela resistia, gritando por ele para tirá-los.

Rasgado e sangrando, ele rasgou-os bruscamente, deixando seu buraco aberto, escorrendo uma mistura de sua carne descascada, seu gozo e um fluxo constante de sangue.

Seu ventre havia sido rasgado, o túnel arruinado e, com os dentes cada vez mais longos e sinistros, ele encontrou o olho da garota e a observou tentar escapar. Ele lambeu a bagunça, engoliu pedaços de carne e saboreou todos os seus gritos.

Curando sob aqueles dentes e língua, suas entranhas se voltaram para o lugar, sua passagem vaginal tornou-se mais uma vez apertada, e todo o dano que suas unhas tinham feito desapareceu em carne nova que era rosada e inchada de uma vigorosa atenção.

O amante cruel concentrou sua língua perto do topo de seu sexo. O que ele fez lá arqueou as costas em ambas as sensações de ódio e insuportável.

Contendo-a com facilidade, ele lambeu e chupou seu cerne inchado, torcendo seus nervos até ela gozar, soluçando por piedade.

Ele olhou para a boca trêmula de sua boceta, sorrindo para os lábios cor-de-rosa que emolduravam um buraco vazio e dolorido, não importando o quanto ela tivesse alcançado o clímax. Colocando seu queixo em cima de seu monte, Darius correu seu olhar para cima sobre suas costelas descontroladamente ofegantes para encontrar os olhos frenéticos. — Você molhou a cama.

Longe demais em seu terror, tudo o que ela podia fazer era soluçar e abanar a cabeça. Ela até implorou por ajuda, como se ele não fosse a raiz de todo o seu tormento.

— Pobre querida. — Seu peso saiu de suas coxas, Pearl curando em uma bola.

Foi um breve alívio, pois o diabo *contente* estava ansioso por mais carne.

Ela balançou como uma folha enquanto ele arrulhava e se agitava, beijando hematomas de cura, sussurrando palavras de amor contra sua pele. — Venha agora, minha Pearl. Deixe-me mostrar meu amor.

Era quase impossível falar. — Isto não é amor.

Gemendo uma risada alegremente quebrada, o homem lambeu as lágrimas. — Nos meus milhares de anos governando nossa espécie, nunca me importei com uma única mulher com tanta atenção devotada. Nenhum dos meus próprios rebanhos eu usei desde que você se tornou minha possessão - não importa quantas cadelas babando implorem por isso. Eu enchi sua casa com tesouros; drenei muitos seres humanos noite após noite para que meu rosto pudesse agradar você e meu sangue pudesse ser doce. Um beijo demorado foi pressionado em sua boca frouxa. — Toda a minha existência é fiel ao meu delicado daywalker e à luz que ela compartilha comigo.

Muito foi feito nas poucas horas desde que ela acordou na sala amaldiçoada. Agarrando-se a um travesseiro como se pudesse oferecer a salvação, ela enterrou o rosto e gritou: — Você prometeu ser gentil.

— Isso não é felicidade? — emaranhou os dedos pelos cabelos, ele forçou a cabeça para trás, puxou seu corpo para o peito e suspirou. — Quando você chora por mim, posso sentir o brilho do sol em suas lágrimas. Quando eu dreno quase até a morte, posso ficar nele por alguns minutos antes de começar a queimar. Quem estuprou sua mãe e a deixou viva depois do alimento tem minha gratidão.

Isso não era amor, suas palavras não eram tranquilizadoras, e Pearl estava na miséria. — Eu não tenho mãe.

— Eu sei. — Divertido, ele beliscou sua orelha. — O fato de você ter sido concebida, dadas as probabilidades, é milagroso... quase impossível. Ela teria morrido em trabalho de parto enquanto lutava para sair.

— O quê?

— Eu conheço todos os seus segredos, Pearl. Eu sei sobre o padre jesuíta no Orfanato da Missão, na Califórnia. Eu sei como ele te pendurou no pescoço de uma árvore por três dias quando você era uma garotinha porque ele encontrou você bebendo o sangue de ratos. Eu sei sobre os exorcismos, os espancamentos, os estupros. Você me contou tudo sobre você. Apesar do seu receio neste momento, você me adora. Eu sou seu salvador. Nenhuma alma pode te machucar além de mim, e eu sempre coloco você de volta.

Ele era louco, absolutamente louco, e ela sentiu o mal nele com cada respiração que compartilhavam. — Você disse que não me machucaria se eu fosse obediente.

— Você gosta de dor, Pearl. Você almeja as coisas que só posso fazer com você. Como você pode abraçar completamente o prazer de outra forma?

Ele tinha acabado de arrancar suas entranhas e as engoliu enquanto ela gritava por misericórdia. Deus pode não ser real, como ele nunca uma vez respondeu suas orações, mas Pearl compreendeu que o diabo existia. Ele a encontrou como os padres disseram que ele faria, e agora ele ia devorar sua alma. — Eu não quero que você me machuque.

— Não? — Um sorriso fez sua voz brincalhona. — O que é que você acha que quer?

Soluçando, ela disse: — O perdão de Deus.

— Por quê, criança? Não há criatura mais maligna do que esse falso deus que você pensa em adorar sobre mim.

Ela conhecia suas orações e seus pecados. — Eu quero ir para o céu.

— Eu fui transformado antes que seu Deus cristão viesse a existir. Esta religião, como todas as outras, foi criada por humanos para que eles possam governar outros humanos. Seu Jesus nunca existiu. Não havia nascimento virginal ou anjos nos céus de Belém. A última gota disso é uma mentira. — Transformando o corpo dela na dobra da sua, ele prometeu:— O que é real é o que está diante de você. Agora, me diga que me ama antes que eu fique com ciúmes.

Ele estava falando com ela em círculos, e Pearl sentiu que ele tinha feito isso milhares de vezes. Sua própria língua não pôde romper com o ciclo. — Eu fui obediente e você ainda

me machucou. Se eu te disser que te amo, você vai me machucar de novo.

— Verdade. — O monstro pareceu apaziguado, até mesmo gratificado por sua declaração. — Minha Pearl, honestidade não é uma coisa linda?

Antes que ela pudesse responder, Darius a colocou na barriga com velocidade sobrenatural. Rosto pressionado contra os cobertores, ela mordeu de volta um grito, a sensação de algo fervendo quente penetrando na cavidade que ele havia rasgado. É verdade que o dano havia sido curado, mas ao contrário da primeira vez que ele a levou naquela noite, ela não estava preparada para tal brutalidade.

Agarrando a cama, tentando encontrar, ela se aprofundou no colchão com cada impulso dele.

Lutas e grunhidos aflitos só o levaram. Ele queria que ela lutasse de volta.

Ele queria roubar.

Ir mancando também não a salvou.

Um antebraço musculoso se flexionou em torno de sua garganta, um punho mais uma vez amarrado em seu cabelo, e ele se inclinou para trás até que sua espinha gritou. Rugindo como o diabo que ele era, Darius bateu seu pênis em seu corpo, batendo os quadris violentamente contra seu traseiro.

Ele negou seu ar. Torcida como ela estava, não havia nada além dele para se segurar. Ela não conseguia nem ver os olhos dele, apenas cortinas de cama de veludo vermelho

que se turvavam quando o mundo dela tropeçou entre consciente e inconsciente. Dor e verdadeiro sofrimento.

Mas lá dentro, sob toda a malevolência, havia uma pontada e uma lição.

Ela só podia ficar flácida se ele a machucasse. Ela só podia gritar se ele a fizesse gritar.

Pearl era uma possessão. Ela era um *tesouro*.

Um que ele poderia controlar fisicamente ou mentalmente, o ponto levado para casa quando os tentáculos de seu domínio invadiram seus pensamentos e a tentaram a deleitar-se com a violência.

No instante em que sua psique rachada cedeu, presas brilhantes atravessaram seu pulso e a ferida jorrando foi pressionada contra sua boca frouxa.

A absolvição chegou. Ela engoliu em seco.

Enquanto ele a fodia, ela bebeu.

Gorgolejando em torno de um bocado, Pearl sentiu-se arrastada para um estado mais elevado de ser. No alto de seu poder, ela podia sentir tudo: cada estocada de um pênis movendo-se através da pele não era suficientemente lubrificada para facilitar a passagem suave. Ela podia sentir as lágrimas microscópicas se curando mesmo quando se abriram de novo. Impulsos nervosos pulsavam tanto de prazer como de dor, pois ele encontrara um lugar dentro do corpo dela, onde a pele texturizada doía por castigo.

Sob os joelhos, os lençóis estavam escorregadios de sangue, com pedaços dela que haviam escapado do banquete e com o fluido que ele a acusara de ter derramado mais cedo.

Ela realmente molhou a cama, mas não foi com mijo.

Torcida pela glória de uma dor tão perfeita, o que estava seco tornou-se encharcado. Ele correu por suas coxas, agarrou-se como gotas de chuva ao cabelo em suas bolas apertadas.

Ele abusou dela, deixou sua dor e osso quebrado, e atraiu sua boceta gananciosa através do pior tipo de aviltamento e felicidade.

Barriga chapinhando com seu sangue, ela passou pelo medo diretamente para as chamas vermelhas do inferno que ele projetou para ela. Ela veio com tal poder que fraturou sua mente desmoronando em pedaços, nenhuma quantidade de palavras doces ou promessas quebradas jamais colocaria de volta juntos.

Você só adora a mim. Ele sussurrou as palavras em sua mente. *Eu sou seu deus.*

Darius escorregou de suas entranhas se contorcendo, picando duro como rocha e pulsando enquanto seu mestre rolou sua conquista babando para suas costas. Coxas sentadas em sua cabeça, gloriando-se nas manchas de seu sangue sobre o queixo, lábios e bochechas, ele ordenou: — Abra sua boca. Você deve engolir isso também.

Ela não entendeu, e pelo seu sorriso feroz, era óbvio que ele teve grande prazer em sua inocência. Embora pudesse ser chamado de inocência? Noite após noite ele não usou seu tesouro, fez coisas indizíveis para ela, e trabalhou seu mal sobre seu corpo? Depois que ele terminou, não tirou os

pensamentos dela e deixou-lhe uma concha para acordar de novo nesta sala fria, assustada e apavorada.

Uma lousa em branco ele poderia pintar com sangue.

Uma garota estúpida que ele poderia definir, onde ele poderia apreciar o prazer de ver o choque em seu rosto enquanto ele forçava seu pênis a passar por seus lábios e pela garganta dela, sufocando-a e negando seu ar.

Língua pressionada, seus dentes contundentes raspando os lados de seu eixo, ele implacavelmente fodeu sua boca. Quando ela começou a morder, algo mudou, um olhar nos olhos vermelhos de fogo, e Pearl jurou que a carne para baixo de sua garganta chutou.

O demônio rugiu, pressionando com tanta força que arrancou pedaços de seu cabelo.

Porra salgada queimou como bile, cobrindo sua língua, picando sua garganta e pingando dos cantos de seus lábios inchados. Mexendo sua pélvis para seu crânio, Darius conduziu mais do que o veneno em seu eixo pulsante e direto em sua barriga.

Ele a segurou assim depois que a última gota foi derramada, observando-a sufocar como se a vista fosse magnífica.

Frenética por ar, ela implorou com os olhos arregalados e molhados.

Ele sorriu, mas não se mexeu. — Fale do seu Deus novamente, Pearl. Nomeie-o.

Coçando a coxa, trabalhando sua garganta ao redor de sua ferramenta de suavização, ela tropeçou, desesperada

para formar os sons de seu nome em uma tentativa de liberdade.

Um pau satisfeito saiu de seus lábios, vômito sangrento e lágrimas seguindo.

Muito do que ele tinha dado a ela foi derramado, porra e sangue se acumulando na cama. Enquanto ela vomitava, ele acariciou sua cabeça, como se um bom cão tivesse um bom desempenho.

Braços vieram ao redor dela. Aconchegada às costas, apesar da bagunça, ele pressionou os lábios no ouvido dela. — Não há motivo para ter medo das exigências que faço em seu corpo. Eu nunca iria realmente machucar você além do ponto que seu corpo pode regenerar.

Ela estava soluçando, tossindo entre suspiros. — E amanhã eu vou esquecer, e você vai fazer isso de novo.

— Silêncio, criança. — Darius beijou a parte de trás de sua cabeça, deslizando os dedos sobre as costelas, através de uma barriga doente, e ainda mais baixo, até que ele segurou seu sexo machucado. — Você me agradou. Como recompensa, juro ser o doce amante que você deseja para amanhã. Eu vou te enganar em sorrisos e risos. Quando eu te foder, não vou tirar sangue. Você tem minha palavra.

Sua palavra não significava nada para ela. — E você tem o meu que eu irei te odiar amanhã tanto quanto eu te odeio hoje.

Ele sorriu e deixou seu dedo penetrar onde ela estava escorregadia com seu esperma. Lá eles tocaram, não

importando o seu mau humor ou desconforto persistente. —
Você me ama, kara sevde, disso eu não tenho dúvida.

Capítulo Sete

Havia tantas páginas, entrada não familiar após entrada - todas elas em *sua* caligrafia irregular. No entanto, cada um deles não tinha um encontro, enchendo o tomo que estava na mesa solitária do quarto, com uma vaga história de seu tempo nesta sala de pedra.

Eu não dormi na noite passada, e quando Darius veio até mim novamente, ele sorriu como se soubesse que eu esperava pelo seu retorno. Estava cansada, eu era má companhia, mas ele foi gentil comigo. Ele até ofereceu uma explicação. Minha sentença nesta sala, ele alegou, é o dobro da vida do homem que matei.

Chadwick Parker não era jovem e temo que possa ficar presa aqui por quase um século.

Quantas vezes Pearl havia lido essa primeira entrada? Era impossível saber, mas a página estava ficando cada vez mais gasta e o livro estava cheio de centenas, senão de milhares de memórias igualmente pregadas.

Darius segurou minha mão quando fiquei triste com essa notícia, alegou que odiava ver minha angústia. É por isso que ele reforça seu presente. Minha memória a cada noite é apagada para que eu possa ser poupada de uma eternidade monótona na prisão. Um dia ele segurará minha mão enquanto

eu estiver livre. Um dia, poderei conhecer outras pessoas como eu. Eu nunca estarei sozinha novamente.

Folheando o diário, Pearl procurou por algo que não pudesse identificar. Mais e mais esse personagem de Darius foi mencionado, mas até agora, ela não viu nenhum sinal de alguém na cela apertada. O que foi bom. No entanto, algo sobre o livro era perturbador, óbvio em seu erro, mas sem explicação.

Páginas estavam faltando, arrancadas. Se foi para sempre.

Por quê?

Por que remover páginas do diário? O que foi escrito neles que Darius não queria que ela visse?

Ela as havia arrancado? E se ela tivesse, por que fazer isso?

Deixando o livro cair de volta na mesa, Pearl examinou a grandiosidade grotesca dos itens empilhados dentro de sua cela. Do veludo vermelho que cobria as paredes, às jóias espalhadas sobre a mesa e a fenda, tudo parecia encenado - como um altar.

Como uma oferta.

O que uma garota trancada em uma sala precisa com jóias? Ela mal estava vestida com um pouco mais de renda amarrada por uma faixa em torno de seu meio.

Ela também estava usando sangue seco sob as unhas e cheirava a precisar de um banho.

Mas não havia água, nem urna, apenas uma espécie de penico que era desconfortável de usar.

Não havia nem mesmo um rato correndo para ela pegar e comer.

Então, novamente, de acordo com o enorme volume sobre a mesa, ela bebeu suas refeições do misterioso Darius. Em linguagem florida, ela até descreveu o sabor e o quão viciante isso poderia ser.

Pearl não usava linguagem florida. Muitas das entradas que ela escaneou não pareciam nada com ela.

Teria ele dito a ela o que escrever?

Mais importante, se ela tivesse sido a única a rasgar uma página, onde ela teria escondido nesta cripta?

Passar as mãos por baixo do colchão pesado não levava a nada. Recantos na parede foram explorados, o espaço atrás das pinturas, até o baú de roupas escandalosas ao pé da cama.

Não havia nada além de poeira.

Poeira?

Batendo o pé, Pearl sentiu a terra sob o suntuoso tapete da sala. As coisas poderiam estar enterradas na terra.

Como corpos.

Ou mulheres presas.

Jogando para trás um canto do tapete, afastando os juncos secos, a terra úmida encontrou seus dedos. Agarrá-lo aqui e ali não fez nada a não ser enterrar o chão. Alimentada por uma crescente necessidade de respostas, Pearl jogou punhados de terra de lado, descuidado de onde eles caíram.

— Você não vai encontrar o que está procurando aí.

Agachada como uma aranha e ofegante como se tivesse acabado de correr, Pearl olhou por cima do ombro e assobiou.

O próprio homem misterioso permaneceu como um belo farol. E ele sorria para ela, sereno e sem ameaças.

— Darius?

Uma sobancelha alada arqueada. — Sim, Pearl?

Ele obviamente sabia o que ela estava fazendo e parecia despreocupado. Tranquilo mesmo. — Onde estão as páginas que faltam?

Caminhando em direção a uma pintura fantástica de um antigo senhor da guerra, o estranho puxou para trás um pedaço de lona rasgada para mostrar um canto. — Às vezes eu as encontro aqui. — Ele então mudou de rumo, movendo-se para uma pedra na parede que saía facilmente quando balançava. — E muitas vezes aqui.

Ambas as cavidades estavam vazias. O que quer que ela tenha escondido estava perdido. E ele soube procurá-los. Nervosa, apesar de sua expressão gentil, Pearl perguntou: — Por que você as leva embora?

O sorriso do homem bonito ficou encantado. — Pegue-as? Eu *coleciono* e guardo para você. — Ele apontou para uma caixa pequena e óbvia sobre a mesa. Um lugar que Pearl havia ignorado em sua caçada.

Enxugando as mãos sujas no invólucro de renda, Pearl avançou, desconfiada e cautelosa. Foi como ele alegou. Dentro da caixa de jóias, as notas dobradas estavam empilhadas ao acaso.

Uma vez que ela ficou diante delas, ele atravessou a sala. Aparecendo do nada atrás do corpo dela.

Seu calor a encontrou de volta. Lábios no ouvido dela, respiração quente, ele perguntou: — Você quer jogar um jogo?

Seus dedos pairaram sobre as notas. Zumbindo nervosamente da maneira íntima como ele roçou contra ela, Pearl sussurrou: — Que tipo de jogo?

— Para cada nota que você escolher ler, eu ganho um beijo do meu amado tesouro.

Foi um truque. Os homens nunca foram próximos. Mas havia algo mais profundo do que uma intuição cautelosa que advertia que ela precisava ver o que estava naquelas páginas roubadas. — Um beijo por uma nota?

Um sorriso rico em sua voz, o homem se aproximou mais. — Um beijo, meu amor, nada mais.

Examinando, um pedaço de papel aleatório foi escolhido, liberado e desdobrado.

Darius é o diabo e você está no inferno.

Uma gargalhada sacudiu seu corpo, o homem pressionou suas costas extremamente divertido. — Eu amo tanto o seu rosto quando você lê esse. Nesses primeiros momentos preciosos, você não quer acreditar. Você vai virar e me olhar da cabeça aos pés. Onde estão os chifres? Onde está a cauda e os cascos fendidos? Que razão você tem para pensar que eu sou esse personagem dos seus pesadelos? Talvez tenha sido escrito como uma piada. Talvez tivéssemos

argumentado naquele dia... Talvez você tenha caído grávida e se tornado *difícil*.

O medo subiu por sua espinha e o sangue gelou, por mais quente que fosse o corpo em suas costas. Virando a cabeça para poder vislumbrar a que envolvia seus braços ao redor de seu torso, Pearl encontrou seus brilhantes olhos vermelhos.

Seu olhar queimava todo o brilho, as presas descendo lentamente por trás de um sorriso positivamente animado. Provocando a voz mais cruel que já ouvira, Darius sussurrou: — Ou talvez seja absolutamente verdade.

Mortalmente com medo, ela ficou ali, com um fio de cabelo daqueles dentes, e perguntou: — O que significa grávida?

Ele levou a mão ao rosto dela, lembrando-a de que havia um preço. Um beijo por uma nota. Afinal, havia regras para este *jogo*. Dedos apertaram o queixo dela, voltando sua atenção para a caixa. — Eu nunca afirmei que as perguntas eram uma parte da nossa diversão.

Uma página dobrada não seria suficiente. Pegando outra, ela rasgou em sua pressa para ler o que estava esperando.

Ele me estuprou mais e mais até sangrar de todos os buracos que um homem poderia abusar de uma mulher. Eu implorei para ele parar e ele riu.

— Isso é dois beijos agora, minha Pearl.

Gotas gordas e silenciosas deslizaram sobre as bochechas trêmulas. Ela alcançou um terceiro.

Ele nunca vai deixar você sair. Encontre uma maneira de se matar.

Uma língua traçou a concha de sua orelha, seguida por um estrondo baixo. — Mas como você faria isso? Todas as suas feridas cicatrizam quase instantaneamente graças à força que meu sangue lhe deu.

Trêmula, Pearl envolveu seus braços ao redor de seu corpo, o calor emanando do homem pressionado de costas sem valor. — Eu não quero mais ler.

— - Então me dê três beijos, doce tesouro. — Com um floreio, ele a girou, a mesa cortando qualquer chance de recuar. Farejando o cabelo dela, ele exigiu como um príncipe mimado. — Eu vou reivindicar o primeiro agora.

Depois de apenas alguns momentos em sua presença, a ideia era repugnante, por mais bonito que o estranho pudesse ser.

— Nós tínhamos um acordo, Pearl. Honre-o e veja quão razoável eu posso ser. Por que estar tão assustada com as palavras em uma página?

Porque ao contrário do livro, essas palavras ocultas pareciam reais. Muito real, como se um canto bloqueado de sua mente estivesse batendo contra a parede, tentando avisar que o perigo estava aqui.

Jogue seu jogo ou resista, o que levaria a um resultado mais favorável quando preso ao diabo?

De pé na ponta dos pés, Pearl deu um beijo casto nos lábios esculpidos e sorridentes.

Parece que a castidade não era de interesse para Darius. Sua língua deslizou em sua boca, mergulhando para ondular dentro. Dentes cortantes e afiados sugavam sangue que ele sugou para dentro da boca com um gemido satisfeito.

Lábios foram abandonados por sua mandíbula, sua boca trabalhando ao lado de seu pescoço.

Foi lá que ele afundou aquelas presas.

A dor foi extraordinária.

Pernas estremecendo, era apenas a força do homem que a mantinha de pé enquanto ele esvaziava uma veia perfurada.

Ele se banqueteara, não importa como ela lutou, até que sua visão se estreitou em um ponto, inútil, ela pendia como uma boneca de pano.

A dor pareceu desvanecer-se, seu corpo pronto para liberar o espírito onde poderia deixar este quarto e ir para Deus.

O doce silêncio da morte tão perto, ela ansiava por isso. Sorriu com a luz que vem.

Até que Darius a soltou.

Fraca, torcida como uma marionete descartada, ela só podia gemer enquanto o homem lambia os lábios e sorria.

Ele não ia deixá-la ir para a luz. Não, ele queria mantê-la em sua escuridão para sempre. Não é isso que a página em falta alegou?

Tentando ficar de joelhos, rastejar debaixo da mesa como se pudesse oferecer abrigo, ganhou uma risada latente.

— Kara Sevde, não haverá nada disso. — Ele agarrou seu tornozelo, e puxou-a sob seu corpo agachado. — O que você ganharia escondendo esse lindo rosto de mim?

— Ajude-me. — Seu pedido não era para ele; Foi dito por desespero doentio que Deus poderia ouvir.

— Silêncio, criança. Você não vai morrer. — Um estrondo de alegria demoníaca, de uma sede por mais que sangue, passou de lábios esculpidos para um ouvido pouco disposto. — Mas eu lhe concederei dormir. Aproveite minha misericórdia. Mas quando você acordar, mais dois beijos são devidos.

Capítulo Dito

Flutuando em calor, Pearl tinha certeza de que isso deveria ser o que o céu poderia oferecer - ausência de peso, intoxicação por um senso de perfeição.

Nada poderia tocá-la aqui.

Nada, até que a suavidade roçou sua testa, instigando as pestanas a se abrirem para o brilho de ouro.

Velas queimavam, piscando a luz suave de uma pintura a óleo rachada. Era a imagem de uma mulher tendendo a cabras em uma encosta, bonita por qualquer trecho. O sol brilhava como se fosse real, mais real do que os pontos de luz borrados na periferia de sua visão.

— Essa, minha querida, é nossa pintura favorita. Você não consegue sentir o vento na grama curvada enquanto olha para ela? Vendo agora, quase me lembro do cheiro de um campo aquecido pelo verão.

A mudança, apenas crescendo em seu corpo, levava a água a cair e espirrar contra sua pele. A visão embaçada se instalou em um homem tão perto de seu rosto, que ela podia sentir o cheiro do sabão em sua pele. Seguindo a linha do braço do pescoço até as mãos, ela encontrou as mangas arregaçadas, os antebraços pingando e meio submersos.

Pearl sentia-se sem peso e quente porque estava inclinada, nua, em uma banheira de cobre... um estranho pairando sobre ela.

Uma mão forte veio ao seu queixo, inclinando a cabeça para trás para descansar na toalha de espera. — Sou eu, seu Darius.

Certo de que ela estava bêbada, Pearl chupou o lábio inferior. Foi manchado com sabor. Vinho? Ou aquele Bourbon? Estendendo a mão para recolher o que escorria do canto da boca, ela olhou para os dedos e encontrou sangue.

Um vermelho profundo e perfeito.

Sua garganta doía para lamber, ansiando aquela conta vermelha como ela nunca quis qualquer coisa antes. — Eu não...

O homem piscou. — Sabe como você chegou aqui? Estávamos jogando um jogo e temo que você tenha ficado completamente esgotada.

Concentrada com aquele ponto vermelho, Pearl trouxe de volta aos seus lábios para que não fosse desperdiçado.

O homem tinha outras ideias.

Pegando seu pulso, ele levou o dedo aos lábios e o chupou.

Quando ela tentou tirar o dedo do calor da boca dele, ele espetou sua carne, rindo quando ela gritou. Então ele deu a ela um sorriso deslumbrante.

Duas longas presas, brancas como leite, brilhavam sob a luz fraca. — Não há nada a temer. Olhe para o seu dedo, Pearl. Já está curando.

Com a boca escancarada, ela não tinha certeza exatamente qual tópico estava precisando de atenção imediata: o fato de que ela estava nua, obviamente sendo banhada por um estranho. O fato era que havia outra pessoa como ela. Alguém que falou calorosamente com ela, sabia o nome dela e parecia *quase familiar*. Ou o fato de que o dedo dela estava se curando diante dos olhos dela.

Nudez foi abordada em primeiro lugar, ambos os braços escorregando para que pudessem cobrir onde seus seios balançavam em água fumegante.

Isso ganhou uma risada ofegante. — Sua timidez me parece particularmente encantadora neste momento.

Sabendo que suas bochechas eram de um rosa vivo, Pearl tentou seu nome. — Você disse que seu nome era Darius. Eu não te conheço. Eu não sei como cheguei aqui. Isto é o hospital? Eu estive doente?

Olhos vermelhos, era isso que eles eram - vermelhos como sangue e brilhando como uma brasa pronta para incendiar o mundo. — Darius, sim, e eu estou ao seu serviço, minha Pearl. E sim, você me conhece. Você conhece muito bem seu amante, você simplesmente não se lembra de mim. Você vê, nos encontramos de novo a cada noite em sua câmara.

Ela precisava estar drogada ou doente. Nenhuma palavra que ele disse fazia sentido.

Nem a pintura nem o homem bonito prenderam sua atenção. Eram as paredes para as quais ela olhava, os pedaços lascados de pedra, a falta de janelas. Ela estava em

uma cela, bloqueada em um canto por uma tela que escondia o restante da sala. — Por que eu não me lembro de você?

Seu queixo foi pego, Pearl fez para encontrar o olho do estranho. — Para que você seja feliz sempre. O tempo tem um jeito de torcer nossa espécie. Você tem o dom da novidade constante. Seu Deus te abençoou. Ele adora você.

— Meu Deus?

— Todo dia é fresco. Toda vez que eu toco em você, é a primeira vez. Toda vez que eu te beijo, você ainda cora. Eu sou o noivo perpétuo e você é meu querido tesouro. Há muita alegria em ter isso.

Os homens não falavam assim com as mulheres; eles não olhavam para elas como se fossem engoli-las inteiras. Ela afundou na água como se pudesse protegê-la do peso do olhar dele.

Darius disse. — Você deseja privacidade para poder se secar e se vestir. Isso é desnecessário. Eu conheço seu corpo por dentro e por fora. Não há motivo para recuar ou tentar se esconder na banheira. — - Ele pegou a mão dela e começou a limpar a sujeira debaixo das unhas, não importando o quanto ela lutasse para puxá-la de volta. — *Eu* devo terminar o banho, eu irei secar você, *eu* te vestirei. Então, *eu* vou te alimentar.

Ele fez com que ela parecesse uma boneca, desmanchando e cacarejando quando ele encontrou uma unha quebrada ou um pedaço de cutícula pendurado. — Uma bagunça. Fique quieta.

Seja ainda. O comando tocou dentro de seu crânio, e ainda assim ela se tornou. Ela não conseguia se mexer, nem mesmo para piscar ou desviar os olhos de sua carranca.

Em seguida, ele ensabou seu ombro, o comprimento restante de seu braço, Pearl dura e incapaz de responder.

Estranhos não tocavam dessa maneira. Eles não emitiam comandos tácitos que um corpo era fisicamente incapaz de ignorar.

— Você pode respirar e falar, Pearl.

Garganta seca, Pearl sugou por ar. — Como você...

Um piscar de olhos, e ele beijou as pontas de seus dedos limpos. — Eu sou seu Deus, lembra?

— E você disse... amante. — Ela nunca teve um *amante*. Os homens nunca a tocaram para seu benefício. Eles certamente nunca haviam polido suas unhas. — Nós temos... hum?

Uma contração sutil chegou ao canto da boca do homem. — Temos um o quê?

Ele ia fazê-la dizer isso, Pearl corando ainda mais forte. — Conhecem um ao outro bem?

Movendo-se devagar o suficiente para garantir que ele tivesse sua atenção total, o homem mergulhou os dedos sob a espuma de sabão borbulhante. Seu pulso seguiu seu antebraço. — Eu te conheço de todas as maneiras possíveis.

Dedos rastejaram entre suas coxas, separando dobras, para provocar um lugar que a fez ofegar quando se tratou de pequenos círculos de fricção.

Sua cabeça pairou mais baixo, Darius observando os lábios entreabertos e os olhos aturdidos. — Você sofre tamanha atenção, e acho que sempre será assim. Eu te desafio a dizer que você não gosta disso.

Um barulho pegou em sua garganta quando ele a violou, um único dedo se contorcendo dentro daquele lugar que os homens gostavam de danificar e usar.

Apenas sua atenção não trouxe dor. Em vez disso, houve suspiros de surpresa, pequenos sons vindos dos lábios que falavam de medo, confusão e uma fome drogada por mais.

A água começou a cair quando sua exploração se tornou mais vigorosa - o que foi lento e meticuloso tornou-se selvagem e insuportável. Encostando-se contra a beirada da banheira, Pearl fechou os olhos e encontrou uma corrida diferente de tudo que ela conhecia. Antes que ela pudesse se conter, ela gritou e cambaleou, derramando água e encharcando a frente da camisa do homem.

Ele deu um beijo em seus lábios frouxos como se ela fosse uma bela adormecida esperando o príncipe acordá-la. — Isso é apenas uma amostra do que compartilhamos.

Em seus olhos largos e ofuscados sentiu um alívio lento. Isso não era um monstro...

Pairando sobre sua boca, ele sorriu novamente. — Beije-me, minha Pearl. Beije-me e eu serei doce.

Beijar não era uma atividade familiar mais do que as estranhas sensações de ter um homem a tocando suavemente entre suas pernas. Todos os outros haviam desviado em

carne feia e dura para seu próprio prazer. Geralmente eles tiravam sangue.

Certa de que estava bêbada, doente, completamente louca, cedeu e pressionou os lábios contra os dele - porque tudo isso tinha que ser um sonho, e raros bons sonhos deveriam ser saboreados.

Houve uma recompensa instantânea. Seus dedos voltaram a provocar aquele lugar mágico, mesmo quando sua língua emaranhava e provocava a dela. Gemendo sob ele, sem saber por que seu corpo se movia, Pearl segurou as bordas da banheira como se isso pudesse ancorá-la nessa sensação maravilhosa.

Quando ela estava prestes a desmoronar, quebrar e renascer, ele parou. Puxando os dedos da parte faminta de seu corpo, seus lábios seguiram o exemplo. Um fio de saliva se estendeu entre eles antes que ele se partisse. — Fique de pé. Eu quero olhar para você inteira limpa e brilhando à luz de velas.

Ela alavancou seu peso contra a banheira, completamente sem graça enquanto lutava com as pernas fracas para ficar de pé. Sem o conforto da água, ela sentiu a morte esfriar.

— Ungh. — Instável, ela balançou e murmurou: — Eu estou doente.

Sentado em seu banquinho, ele começou a tocar a mulher cambaleante, zunindo de aprovação quando ela se inclinou em suas mãos em busca de apoio. — Gatinha frágil,

você está com fome. — Ele entortou seus dedos, comandando-a da banheira e para o seu colo. — Venha.

Voraz, na verdade. Engolindo, ela olhou para a coxa que ele indicou deveria servir como seu assento, e murmurou um aturdido: — Estou molhada. Vou deixar uma marca.

— Sim você está. Agora me obedeça. Venha. — Rindo, ele deu um puxão na mão dela. Ela tropeçou na banheira, pegou nos braços dele e passou por cima do joelho dele.

Sem fôlego, ela ficou boquiaberta por cima do ombro quando ele colocou a mão na bunda e explorou. Como ele apertou e brincou entre suas bochechas, ela se sentia mais a prostituta e menos o amante.

Exposta, Fraca e cada vez mais com frio, ela chupou o lábio inferior entre os dentes e tentou se afastar.

— Não se contorce!

Ela ouviu o som do tapa antes de registrar o quão duro ele a atingiu.

A carne de sua bunda balançou, doeu horrivelmente e feriu. Mas foi o orgulho dela que foi muito mais danificado. De rosto vermelho, mortificada e dolorida, ela balançou a cabeça, mas não teve palavras.

— Se você tivesse sentado como lhe disse, eu teria abraçado você com doces beijos e palavras suaves. — Arrumando uma toalha macia de onde descansava ao lado da banheira, ele começou a tirar gotículas de suas costas arqueadas. Ele espalmou sua bunda, apertou a carne machucada e sorriu quando ela desviou o olhar com

vergonha. — Estou apenas provocando, Pearl. Quem poderia resistir a tal visão?

Suavemente ele virou-a, sentou a mulher envergonhada no joelho e apertou um beijo carinhoso na têmpora. — Nós estávamos jogando um jogo antes de você adormecer. Acho que devemos jogar outro.

Doendo, excitada, doente e morrendo de fome, ela suspirou. — Eu não sou muito boa em jogos.

Aninhando o cabelo molhado, ele sussurrou: — Mas você ganha com tanta frequência.

— Estou com frio.

— Você me deve mais um beijo. — Ele já estava em sua boca, sugando o lábio preso de seus dentes antes que ele acrescentasse: — Mais um beijo, então nós jogamos um novo jogo.

A pressão, a fricção, até mesmo as arestas afiadas de seus dentes, tudo isso estava acontecendo. Ela estava presa sob o ataque, ofegando por ar e chocada ao sentir os movimentos de retorno entre suas coxas. Mas como era, ela não podia beijá-lo, não com a língua já na boca. Se esse era seu jogo, ela não tinha como vencer. Tudo o que ela podia fazer era tentar fazer palavras engolidas, ignoradas e grunhidas.

Mas ela estava ficando quente de novo. Toda a última atenção que ele dava a ela era... agradável.

Uma corrida cresceu no lugar que ele tinha explorado sob a água, um pingo que Pearl não reconheceu que a fez

querer pressionar mais a coxa, e esquecer a dor persistente de sua bunda.

Quando ele deu a ela um momento de respiração, ela ofegou, se encontrou se contorcendo, e quase desmaiou quando ele de repente tomou seu mamilo entre os dentes. — Este é o jogo?

Grunhindo uma não-resposta, aqueles dentes longos que ele usou para cortar o polegar foram plantados em seu seio. Chupando o mamilo, lambendo-o, uma mistura de dor lancinante e prazer desconhecido misturou-se enquanto ele bebia o sangue escasso que corria.

Puxando sua boca de seu peito, dentes vermelhos com seu sangue, aqueles olhos queimados com o fogo do inferno. — Morda-me.

Boquiaberta no pequeno fio de sangue que corria de sua pele, olhando para o homem que deixou a marca de sua boca sobre ela, Pearl sentiu suas gengivas formigar. Quando ela lambeu cada ponta, ela encontrou dois dentes descendo, muito curtos para até mesmo quebrar a pele.

Estendendo a mão para tocar as pontas inúteis com o dedo, chocada que não havia notado antes, ela recuou. — Elas foram embora.

O estranho fervoroso não se importou. Ele pegou o cabelo dela e puxou a boca dela para o pescoço dele.

O cheiro que ela encontrou ali a deixou salivando. A dor em forma de agulha em seu couro cabeludo de seu aperto excessivamente entusiasmado esquecido quando sua língua traçou uma veia pulsante.

O homem gemeu de um jeito que Pearl só ouvia quando os homens terminavam com ela.

Pela primeira vez, ela gostou.

Ela mordeu e roeu, fez tudo o que pôde para fazer com que a veia se abrisse e borrifasse a boca com o que estava escondido por dentro.

Nada funcionou.

Bem, algo estava funcionando. A mão do homem tinha mergulhado em suas calças e entre seus corpos emaranhados ele estava bombeando seu punho.

A fome não alimentada levou a uma frustração aguda. Seus dentes eram muito curtos para perfurar, seu queixo fraco demais para quebrar a pele salgada. Tudo o que ela precisava estava bem ali, tão perto, mas inatingível.

Mas então o cheiro de sangue encheu seu nariz.

Seu sangue quente e perfeito.

No entanto, não vinha do pescoço dele.

Ela esgueirou-se para o chão sem pensar, passou a mão em torno de um órgão que pingava rubis de uma veia ainda mais generosamente latejante. Quando ela tentou sugar apenas do lado da coisa, mãos fortes reposicionaram seu crânio. Foi colocado entre os dentes, forçado em direção a garganta dela até que ela engasgasse e tivesse problemas para engolir o sangue acumulado.

Tudo o que ela queria era uma bebida rica, irritada com o homem balançando a cabeça para cima e para baixo.

Engolir com esse órgão grosso pela garganta tornou-se necessário. A respiração foi esquecida, tudo o que importava

era a luta contra o que a segurava e desperdiçava o sangue que ela *precisava* em sua barriga. Assim que a veia se fechou e sua refeição foi interrompida, algo salgado se espalhou contra sua língua.

Feito para engoli-lo em sua busca pelas gotas finais da perfeição, Pearl vomitou.

Balançando, quase se afogando e incapaz de respirar, ela sentiu o peso em seu crânio ceder. Caindo para trás em uma pilha sem graça, sugando o ar como se estivesse debaixo d'água, Pearl viu o homem, suas calças escancaradas, a boca aberta. e a cabeça jogada para trás.

Foi então que ela percebeu o que ela tinha bebido tão vorazmente.

Seu pênis.

Aquela parte de um homem que eles gostavam de colar como uma marca em uma mulher - a coisa que queimava e trazia dor.

Esse tinha sido o seu jogo.

Algo estava correndo do canto de seus lábios, uma gota desperdiçada salgada e doce.

Darius pegou com o polegar, empurrou-o de volta entre os lábios chocados antes de usar a ponta do dedo para fechar a boca aberta. — Você gostou do seu jantar?

Não houve resposta. O sangue tinha sido excessivamente delicioso, as coisas que ele vinha fazendo durante seu banquete não eram reconhecidas. Não podia ser normal, a boca de uma mulher no corpo de um homem assim. Envergonhada, sem saber se conseguiria parar de se

encolher no chão, Pearl murmurou: — Por que você faria isso?

Acariciando sua bochecha, Darius sorriu. — Engula minha porra como uma boa menina. Prove na sua língua de veludo. Em seguida vou deixar pingar da sua boceta apertada. Depois disso, há outro lugar em seu corpo que eu gosto de enterrar minha semente. Brinque bem, e encherei sua barriga com outro gole do que faz você desmaiar antes que eu foda sua bunda.

Pearl olhou de volta para a coisa que ela tinha acabado de ter em sua garganta, nem um pouco ansiosa por estar de volta dentro de qualquer parte de seu corpo. Assim como ela não estava mais disposta a fingir que era um sonho agradável.

Ele ainda estava duro.

Normalmente, depois que eles empurravam, empurravam e diziam para ela parar de gritar, essas coisas ficavam menores.

Tomando a carne de seu pênis na mão, o homem cantou: — Você ainda me deve um beijo. Aperte seus lábios aqui e me agradeça por tudo que dei a você.

Ela não queria mais em sua garganta; tudo o que ela queria provar era o sangue.

Esse sonho não era mais atraente. Na verdade, agora que ela tinha feito uma refeição, não parecia um sonho.

Foi real.

Darius era real.

Ela estava em um quarto com um homem que colocou seu órgão em sua boca.

Um órgão que ela lambeu maniacamente por gotas de sangue que não a fez vomitar como sangue humano...

O sêmen não era atraente, a crença confirmada um momento depois, quando ele cerrou os cabelos e levou a boca até a ponta, onde permanecia uma gota de gozo.

Ela beijou como lhe foi dito, sentiu seu estômago roncar e sua garganta coçar.

Principalmente, ela se sentia impura.

— Você está pensando no velho padre malvado?

Uma inundação de lembranças terríveis invadiu como se uma represa tivesse quebrado atrás de seus olhos. Esse interlúdio, não foi a primeira vez que ela fez isso. Como ela poderia ter esquecido algo tão horrível?

Um grito pegou em sua garganta, que se transformou em um gemido de degradação.

Uma mão veio até a cabeça inclinada e acariciou seus cabelos. — E isso, kara sevde, é por isso que eu não permito que você se lembre. É por isso que toda noite para você começa novo e limpo.

Quem gostaria de ter essas coisas sombrias sempre à espreita? O estranho lhe dera sangue que não a deixava doente, ele lhe dera prazer na banheira e depois lhe dera a lembrança de um passado terrível. Caindo de pé, ela colocou os lábios nos sapatos dele e implorou que ele tirasse os pesadelos de novo.

Voz como ferro, Darius avisou seu tesouro, — Eu tomarei tudo o que ele fez da sua mente, mas lembre-se desse momento fraturado hoje à noite se você questionar sua vida aos meus cuidados, rejeitar meus pedidos, ou me afastar da minha atenção. Não há sofrimento nesta sala, mas o tormento que você traz sobre si mesmo. Eu daria a você a felicidade da inocência permanente. Eu te encheria de prazer. Obrigado por isso.

Soluçando, ela segurou vigorosamente a perna dele. — Obrigado.

E então as memórias rançosas que tinham partido seu coração se foram. Confusa por que ela estava mesmo chateada, as lágrimas pararam.

Segurando seu rosto, ele limpou as trilhas molhadas de suas bochechas. — Sua vida comigo, neste lugar, pode ser a luz do sol ou pode ser a escuridão. Toda noite, a escolha é sua.

Capítulo Nove

Durante várias horas, Darius ensinou-lhe o significado do arrebatamento.

E o preço...

Sua atenção tinha sido tão maravilhosa que quase esquecera o quão degradante era para ser usada. No entanto, não importava o quanto ele a beijasse e tocasse, sob sua alegria ela sabia que tudo o que ele fazia era para seu próprio entretenimento. Ele queria vê-la implorar como uma prostituta, sabia que nervos manipular para ganhar uma resposta desleixada.

Torcida pela perícia de um devasso praticado, ela gritou, insegura do momento exato em que seu corpo tinha empurrado sua sanidade do passado. Pois só uma mulher louca teria agradecido por tê-la fodido tão cru que ela sangraria.

Ela até emaranhou suas mãos em seu cabelo quando ele puxou sua boceta até sua boca para que ele pudesse se deleitar em seus fluidos compartilhados.

Quando seu sêmen e seu sangue estavam manchados no queixo, os olhos vermelhos queimavam e seus longos dentes brilhavam à luz das velas. — Vire-se. Incline a cabeça para as cobertas.

Ela obedeceu sem questionar.

— Diga-me que você me ama. — Colocando a cabeça de seu pau entalhado entre sua fenda, ele passou as unhas sobre seus quadris.

Mais de seu sangue derramou dos cortes, assim como as palavras sujas caíram de uma língua bêbada. — Eu te amo.

— Chame-me de seu Deus! — Ele espalhou suas bochechas, para a frente através de toda a bagunça que pingava de sua boceta.

Foi como se houvesse uma batida na porta de seu crânio, uma cautela mental para recusar tal blasfêmia. Havia apenas um deus. O Deus. O criador do mundo que prometeu livrá-la do mal.

O mal desviava direto para dentro de um buraco que era desajeitado, esticado e despreparado. berrando, agitando enquanto as lágrimas caíram, ela gritou: — Você é meu Deus!

A criatura arrancando sua bunda rugiu. Não era o som de um homem em prazer, mas um demônio libertado do abismo. Recusando-se a virar a cabeça, ela imaginou que grandes asas haviam se espalhado atrás de seu atormentador para bater o ar quando ele a puxou para baixo naquele pau manchado de sangue.

O dano foi extenso, pois o diabo foi libertado.

Ele reivindicou o devido de sua carne.

Uma única alma sem valor.

Um que Deus havia rejeitado há muito tempo. Um que foi estimado por um monstro que adorava perverter o amor em dor.

Vazio de esperança, cheio de pau.

Foi assim que ela morreu por dentro. Qualquer prosélito sabia que não haveria perdão aos olhos do Senhor para isso.

A carne concordou, girando em torno da intrusão pulsante. Sua boceta vibrou, abrindo-se como uma boquinha buscando um beijo doce. O cerne no topo de seu sexo latejava como se uma fruta madura quase explodisse.

Apesar de como ele devastou seus quadris, foi o toque *dela* que encontrou a carne descascada e mergulhou para preencher o buraco vazio. Ele berrou uma risada enjoativa ao ver os dedinhos brincarem.

Quando ela veio, foi enquanto andava com um grito de dor.

Ele pulverizou bolhas brancas de grossura tão forte dentro dela, que demoraria como uma mancha que ela nunca poderia empurrar para fora.

O que ela fez?

No fogo, presa sob o peso de um monstro preguiçoso de luxúria, suas lágrimas caíram quentes e livres.

Por fim, aquele órgão estava encolhendo, vagarosamente se esvaindo de sua bunda. Mas a marca que ele tinha feito nela, a blasfêmia que ele tinha tirado de lábios tolos nunca vazaria, não importando quantos buracos ele rasgasse em sua carne.

— Eu estou perdida...

Unhas incrustadas de sujeira arranhavam seu queixo, forçando-a a torcer o pescoço em um ângulo impossível, de

modo que um grande olho azul pudesse encontrar seu sorriso desonesto. Eu adoro...

O chão caiu debaixo deles, e com um estrondo ensurdecedor, poeira e escombros caíram sobre seu quarto. Era como se a própria terra tremesse, como se trabalhasse suas mandíbulas, com a intenção de devorar a puta vampira e a fera em suas costas.

— Ele não se atreveria! — Darius se afastou, descuidado do dano que causou, ou os detritos que seguiram o caminho de seu pênis de seu ânus. Uma vez de pé, o chão se torceu novamente, quase perturbando o equilíbrio do diabo. — Você. — Virando sua fúria na mulher sangrando sujando a colcha. — Fique aqui! Esta insurreição será esmagada de uma vez.

Através das lágrimas, Pearl viu a curva do ar, distorcer, e Darius, o demônio que ela chamou de Deus, desapareceu.

Seria fácil dizer que o balanço da terra que enviou seus candelabros tombando era um sinal de sua salvação. Seria fácil alegar que a divindade sorria para ela.

Isso não aconteceu.

Na verdade, ninguém veio sorrir, ameaçar, sangrar ou denunciar.

Horas ela estava sob um teto que polvilhava seu quarto em uma névoa de sujeira antiga. Naquela época, seu corpo foi consertado.

Darius não retornou.

Uma a uma, as velas começaram a piscar e a minguar. Toda a luz dourada e suave desapareceu, farejando o ar com uma nuvem de fumaça. Não foi até que os três últimos quase

se encontraram antes que Pearl encontrasse a vontade de se levantar da cama. Novas velas estavam acesas, e se ela tivesse sido mais sábia, ela teria racionado seu escasso suprimento.

Balançando-se na sala sombria, cercada por belas pinturas, por jóias, pelo mobiliário suntuoso e uma banheira esfriada, ela viu a cela para o que era.

Um túmulo.

Seu túmulo.

O dia passou, Pearl dormia em qualquer lugar, menos na cama suja.

Morrendo de fome, até a última vela, leu o livro que encontrou na escrivaninha, e sabia que o roer de seu intestino era mais do que fome.

Este era um lugar ruim.

Um lugar ruim, onde ela havia sido tentada, e falava palavras terríveis.

Quando abriu a caixa com filigrana na escrivaninha, quando encontrou as anotações, não chorou. Afinal, a igreja não ensinou que não havia vítimas do diabo? Ela veio a ele por sua própria vontade.

Ela matou Chadwick Parker. Ela serviu como vadia do demônio.

Ela havia renunciado a seu Deus sob os êxtases que só o príncipe das trevas poderia oferecer.

E cada palavra naquelas notas rasgadas era verdadeira.

Ela estava no inferno.

Maldição, Pearl apagou a última vela antes que ela pudesse queimar. O tom negro encheu sua visão. Vasculhando a mobília, encontrou a cama fedorenta e puxou as cobertas com crostas de todas as coisas profanas sobre o corpo. Lá estava ela, esquecida, abandonada e sem esperança.

Assim como ela merecia.

A fome drenou sua carne durante semanas. Encolhida, ressecada, ela estava deitada como um cadáver desgastado pela idade, incapaz de piscar. Ainda, onde o corpo falhou a mente *perseverou*.

Ela não podia gritar naquela noite interminável. Eventualmente, até mesmo seu peito não se levantou mais para respirar. Mas a consciência e a desolação nunca se desvaneceram.

O inferno era um guardião dedicado. Recusou-se a libertar sua alma roubada.

Anos, décadas, passaram presos naquela cama olhando para o escuro inflexível.

Sozinha.

Esquecida.

Abandonada

Outro cadáver nas catacumbas.

O que aconteceu com Darius? Mais contos do Berço das

Trevas estarão chegando em breve!